

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
MESTRADO EM LETRAS

PRISCILA HAMAUE

**Expressões Nominais Referenciais:  
uma outra visão de Dom Casmurro**

São Paulo  
2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PRISCILA HAMAUE

**Expressões Nominais Referenciais:  
uma outra visão de Dom Casmurro**

Dissertação apresentada à Universidade  
Presbiteriana Mackenzie, como  
exigência para a obtenção do título de  
Mestre em Letras, sob orientação da  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Elisa Guimarães Pinto.

São Paulo  
2010

H198e Hamaue, Priscila.

Expressões nominais referenciais: uma outra visão de Dom  
Casmurro / Priscila Hamaue – 2010.

97 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade  
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

Bibliografia: f. 94-97.

1. Expressões nominais referenciais. 2. Referenciação. 3.  
Escolhas lexicais. 4. Orientação argumentativa. I. Título.

CDD 401.41

PRISCILA HAMAUE

**Expressões Nominais Referenciais:  
uma outra visão de Dom Casmurro**

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Elisa Guimarães Pinto.

Aprovada em 16 de agosto de 2010.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Elisa Guimarães Pinto  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof. Dr. Alexandre Huady Guimarães  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Zilda Maria Zapparoli  
Universidade de São Paulo

São Paulo  
2010

Aos meus pais **Gilson e Maria do Carmo**,  
por serem meu porto seguro, minha vida

Aos meus avós **Elisa e Joaquim**,  
por estarem sempre presentes

Às minhas irmãs **Giselle e Mariana**  
pela amizade e cumplicidade de sempre

A meu **André**,  
por ser minha fortaleza, meu grande amor

## AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de fé, de força, de perseverança e amor.

À minha querida Profa. Dra. Elisa Guimarães, por sua competência e sapiência impecáveis, por ser não só uma exímia orientadora, mas também um ser abençoado e repleto de bondade, possuído por amor incondicional a seus alunos e à sua profissão – inspiração e modelo de profissional sempre.

Ao Prof. Dr. Alexandre Huady Guimarães, modelo de competência acadêmica e admirável educador cujas contribuições enriqueceram muito este trabalho.

À Profa. Dra. Zilda Maria Zapparoli, notável exemplo de competência e dedicação à pesquisa, excelente examinadora, pelas valiosas contribuições para o aprimoramento do trabalho no exame de qualificação e pela generosidade com que me teceu elogios na defesa.

À Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves, pelas contribuições, sugestões e indicações feitas a mim em suas aulas no programa de pós-graduação.

Ao meu amor, André Alves, por alimentar minhas aspirações e me dar forças para alcançá-las, pela paciência nos dias difíceis, pelo dedicação e carinho incondicionais sempre.

Aos meus grandes amigos Lourenzo Maragni, Fábio Lage, Juliana Bertolozzi e Valéria Martins pela torcida, pelo amparo, pela força e pela lealdade de sempre.

## RESUMO

Esta dissertação analisa o uso de expressões referenciais nominais no discurso de Bento Santiago, personagem da obra *Dom Casmurro*, do autor Machado de Assis, utilizadas para a caracterização de personagens e situações do romance com a finalidade de marcar subjetivamente seu discurso. Na perspectiva da referenciação (cf. MONDADA; DUBOIS, 1995, 2003), pretende-se mostrar de que maneira as expressões referenciais podem contribuir para a orientação subjetiva de um discurso repleto de ambiguidades e intenções. Essa análise situa-se no campo da Linguística Textual que considera o texto, acima de tudo, uma atividade de interação social. Baseia-se, especificamente, em estudos da referenciação entendida como construção de objetos-de-discurso. O *corpus* da pesquisa constitui-se de trechos da obra citada. Os resultados conclusivos apontam para o fato de que as escolhas das expressões referenciais feitas pelo narrador Bento Santiago contribuem muito para a realização plena de um projeto de dizer que objetiva persuadir o leitor acerca de fatos e personagens constituintes de sua história de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Expressões nominais referenciais, referenciação, escolhas lexicais, orientação argumentativa.

## ABSTRACT

This paper analyzes the use of nominal referential expressions in the speech of Bento Santiago, a character from the book “Dom Casmurro”, by Machado de Assis, used to characterize characters and situations of the romance. Within the referential context (cf. MONDADA; DUBOIS, 1995, 2003), it is intended to show how the referential expressions may contribute to the subjective orientation of a speech, full of ambiguities and intentions. This analysis is within the Textual Linguistics, which considers the text, above all, a social interaction activity. It is specifically based on referential studies understood as speech objects’ building. The body of the research is comprised of excerpts from referred work. The conclusive results point to the fact that the choices of the referential expressions made by the narrator Bento Santiago significantly contribute to the full achievement of a speech project that aims at persuading the reader concerning the facts and characters that are part of his life.

KEY WORDS: Nominal referential expressions, discourse reference, lexical choices, argumentative orientation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> -----	10
<b>1. O TEXTO E LINGUÍSTICA TEXTUAL</b> -----	12
1.1 A ANÁLISE TRANSFRÁSTICA -----	13
1.2 AS GRAMÁTICAS DO TEXTO -----	15
1.3 A VIRADA PRAGMÁTICA -----	17
1.4 A COGNIÇÃO -----	19
1.5 A TEXTUALIDADE -----	22
<b>2. REFERENCIAÇÃO</b> -----	28
2.1 DA REFERÊNCIA À REFERENCIAÇÃO -----	29
2.2 ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO -----	33
2.3 MOVIMENTOS ANAFÓRICOS E CATAFÓRICOS E EXPRESSÕES NOMINAIS REFERENCIAIS -----	36
2.4 EXPRESSÕES NOMINAIS REFERENCIAIS: ALGUMAS FUNÇÕES -----	41
2.4.1 Encapsulamento -----	42
2.4.2 Rotulação -----	44
2.4.3 Orientação Argumentativa -----	47
<b>3. A IMPORTÂNCIA DA REFERENCIAÇÃO NO DISCURSO DE BENTO SANTIAGO: ANÁLISE DO <i>CORPUS</i></b> -----	52
3.1 PRIMEIRA FASE - A REFERENCIAÇÃO NO TEMPO DA NARRAÇÃO: A HISTÓRIA DE DOM CASMURRO -----	54
3.2 SEGUNDA FASE - A REFERENCIAÇÃO NO TEMPO DA NARRATIVA: A HISTÓRIA DE BENTINHO -----	63

<b>3.3 TERCEIRA FASE: A REFERENCIAÇÃO NO TEMPO DA NARRATIVA (A HISTÓRIA DE DR. BENTO FERNANDES SANTIAGO)</b>	<b>83</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>97</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação situa-se no campo de investigações sobre a produção textual e tem por objetivo analisar expressões nominais referenciais no discurso de Bento Santiago, personagem da obra *Dom Casmurro*, do autor Machado de Assis, utilizadas para a caracterização subjetiva de personagens e situações do romance.

Levando-se em consideração o desenvolvimento dos estudos da referenciação, entendida como atividade de construção de objetos-de-discurso, conforme Mondada & Dubois (1995; 2003) e Mondada (2003), postula-se que as **expressões referenciais**, de um modo geral, e as **expressões referenciais nominais**, de modo particular, assumem diversas funções, constituindo-se um recurso linguístico de fundamental importância para a produção do texto, entendendo-se texto como evento complexo comunicativo ou atividade de interação humana, que mobiliza diferentes saberes de ordem linguística, pragmática e sociocognitiva.

Partindo-se da constatação de que o estilo do autor é o lugar típico da manifestação da subjetividade no discurso e de que as escolhas das expressões referenciais marcam a variação de estilo do mesmo locutor, do mesmo indivíduo em circunstâncias diferentes, revelando a força de diversas pressões – de sua história, de como caracteriza o interlocutor, de seus objetivos, por exemplo (POSSENTI,2008), – o presente estudo tem por meta analisar o modo de constituição e as funções de expressões nominais referenciais que possuem caráter mais argumentativo/ subjetivo do que coesivo, no discurso de Bento Santiago, personagem de *Dom Casmurro*, ao delinear personagens e situações durante sua narrativa de primeira pessoa e de que maneira essas expressões contribuem para marcar a subjetividade do discurso e suscitar diferentes e polêmicas interpretações do enredo.

Para a realização da pesquisa, o *corpus* utilizado foi a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. A escolha dele justifica-se pela grande importância que a

obra possui para a Literatura Brasileira e, principalmente, por pouco ter sido estudada e analisada sob as teorias da Linguística Textual.

Esta dissertação está organizada em mais três capítulos, afora esta introdução, as considerações finais e as referências bibliográficas:

- No **capítulo 1**, apresentam-se concepções de texto e textualidade desenvolvidas no campo da Linguística Textual.
- No **capítulo 2**, trata-se do fenômeno da referenciação, considerando estratégias de constituição dos objetos-de-discurso e suas funções.
- No **capítulo 3**, procede-se à análise do *corpus* constituído por trechos da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

## **1. O TEXTO E A LINGUÍSTICA TEXTUAL**

A Linguística Textual compreende um ramo da Linguística que surgiu na Alemanha, em meados da década de 60, com a preocupação de estudar o texto, tomando-o como unidade de comunicação verbal (cf. Favero; Koch, 1983).

Historicamente, distinguem-se três momentos fundamentais da Linguística Textual: o primeiro momento relacionado à análise transfrástica, o segundo relacionado à construção de gramáticas de texto e o terceiro relacionado às teorias de texto fundadas na perspectiva pragmática e na perspectiva cognitiva. Por isso, faz-se necessário discutir cada um deles.

## 1.1 A ANÁLISE TRANSFRÁSTICA

De acordo com Koch (2004), esse primeiro momento da Linguística Textual corresponde ao período que vai de meados da década de 60 até meados da década de 70. Nesse período, os estudos sobre o texto centravam-se sobre seus mecanismos interfrásticos, dentre eles se destacavam: a pronominalização, a concordância dos tempos verbais, as relações entre frases com e sem conector explícito etc. Assim, pode-se dizer que os estudos do texto estavam atrelados à tradição estruturalista e gerativista.

Desse primeiro momento decorrem as concepções de texto como unidade linguística superior à frase. Logo, o texto é concebido como o resultado da relação e/ou combinação de frases ligadas por diferentes mecanismos linguísticos. Nesse sentido, Koch (2003) aponta as seguintes concepções de texto:

- a. Unidade linguística (do sistema) superior à frase;
- b. Sucessão ou combinação de frases;
- c. Cadeia de pronominalizações ininterruptas;
- d. Cadeia de isotopias;
- e. Complexo de proposições semânticas . (KOCH, 2003. p. 25)

Sendo assim, as abordagens sobre o texto estão atreladas às gramáticas estrutural e gerativa, tendo em vista que as relações sintáticas e interfrásticas delineiam sequências linguísticas interrelacionadas concebidas como textos.

O preenchimento das lacunas nos estudos referentes a fenômenos como a correferência, a pronominalização, o uso de artigos (definidos e indefinidos), a relação tópico-comentário, a concordância dos tempos verbais, as ligações semânticas entre orações sem conectores, etc. contribuiu para que houvesse um avanço importante nos estudos linguísticos, abrindo, de certa maneira, espaço para

o surgimento do segundo momento da Linguística Textual, o das gramáticas de texto.

## 2.2 AS GRAMÁTICAS DE TEXTO

A partir da segunda metade da década de 70, dá-se o segundo momento da Linguística Textual, cujo período compreende a construção de gramáticas textuais que objetivaram tratar de fenômenos linguísticos não explicados pela gramática da frase. São exemplos de gramáticas de texto a *Gramática textual de língua francesa* (1982) e a *Gramática textual da língua alemã* (1993), ambas de Harald Weinrich, que procurou em seus estudos construir uma macroestrutura do discurso, com base em categorias gramaticais. Dentre outros linguistas idealizadores das gramáticas de texto, podem-se apontar Van Dijk (1972) e Petöfi (1973).

De acordo com Koch (2004), as gramáticas de texto teriam as seguintes funções:

- a) verificar o que faz com que um texto seja um texto, ou seja, determinar seus princípios de constituição, os fatores responsáveis pela sua coerência, as condições em que se manifesta a textualidade;
- b) levantar critérios para a delimitação de textos, já que a completude é uma de suas características essenciais;
- c) diferenciar as várias espécies de textos. (Koch, 2004.p.5)

Para as gramáticas textuais, o estudo do texto fundamenta-se na análise de sua estrutura semântica profunda, de sua macroestrutura textual, pois o texto é concebido como a maior unidade de significação da língua. (cf. Koch, 2004)

Nesse sentido, o texto compreende o *signo linguístico primário* (Koch, 2004), isto é, a mais alta unidade hierárquica de sentidos, por isso deve ser analisada considerando os aspectos linguísticos relacionados à macroestrutura e às relações semânticas.

Postula-se, então, a existência de uma competência textual para os sujeitos da atividade verbal, tendo em vista que eles são capazes de reconhecer, (re) construir e avaliar o texto como unidade linguística significativa.

As gramáticas de texto, então, criaram condições para novas reflexões sobre a construção, o funcionamento e a compreensão de texto. Assim, no final da década de 70, a Linguística Textual começa a dialogar com outras ciências – Psicologia, Sociologia, Filosofia, etc., passando a ser vista como multidisciplinar, pois amplia seu campo de investigação, à medida que transcende o limite sintático-semântico do texto para investigar também seu caráter pragmático. Abrem-se, então, perspectivas para um novo momento da Linguística Textual, o da *virada pragmática* (cf. Koch, 2004)

### 1.3 A VIRADA PRAGMÁTICA

De acordo com Koch (2004), o terceiro momento da Linguística Textual corresponde à *virada pragmática*, que consiste, basicamente, no estudo do texto sob o enfoque de seu funcionamento como unidade de comunicação e/ou interação social. Nessa perspectiva, os fatores contextuais ou situacionais são incorporados na descrição textual, contribuindo para uma nova concepção de texto.

Nesse momento, segunda metade da década de 70, os linguistas deixam de tratar o texto como sistema autônomo de relações sintático-semânticas para tratá-lo como atividade verbal entre sujeitos interlocutores. O texto deixa de ser entendido como um produto linguístico acabado, fechado em sua estrutura para ser concebido como processo de *planejamento*, *verbalização* e *construção* (Koch, 2004). Nesse sentido, o conceito de texto compreende a conjunção de ações verbais situadas, mediadas por elementos linguísticos, por processos pragmáticos e cognitivos.

Visto como uma atividade verbal, o texto trata de uma ação comunicativa dotada de força ilocucional, que irá, de alguma forma, produzir efeitos no interlocutor, uma vez que há sempre um objetivo pretendido pelo texto, uma intenção principal que orienta sua organização macroestrutural e sua argumentação. Nesse sentido, Bentes (2004.p.254) afirma: “(...) o sujeito *sabe* o que faz, como faz e com que propósitos faz (se entendemos que dizer é fazer)”.

Dessa maneira, compreende-se que na base da atividade de linguagem está a interação entre sujeitos da ação verbal que são, sobretudo, parceiros da ação comunicativa. O texto passa a compreender o lugar da interação entre interlocutores, sujeitos ativos e cooperativos que se constroem e são construídos no e pelo diálogo. (cf. Koch, 2004)

Sob essas orientações de cunho pragmático, Koch (2002) afirma que a noção de texto baseia-se na ação verbal comunicativa entre sujeitos situados:

“Dessa perspectiva, então, podemos dizer, numa primeira aproximação, que textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, de

conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza.”  
(KOCH, 2002.p.26)

Nessa acepção, o texto compreende uma atividade interacional entre sujeitos cooperativos, motivados por algum tipo de intenção, de propósito explícito ou implícito no texto. Os sujeitos são interlocutores ativos, que agem e interagem por meio da ação verbal configurada sob a forma de expressão linguística. Dessa maneira, o texto precisa ser compreendido no seu processo, na sua realização comunicativa, considerando tanto os aspectos linguísticos quanto pragmáticos.

Logo, o texto é concebido como uma atividade social manifestada verbalmente por meio de elementos linguísticos relacionados e ordenados conforme as muitas possibilidades oferecidas pela língua aos sujeitos envolvidos na interação comunicativa.

Considerando a manifestação da linguagem verbal como uma forma de ação, passa-se a refletir, também, sobre os processos mentais, que subjazem a essas atividades de linguagem. Surge, então, outro novo momento da Linguística Textual, o da *virada cognitiva*.

## 1.4 A COGNIÇÃO

Na década de 80, segundo Koch (2004), dá-se a *virada cognitiva*, segundo a qual as operações mentais e os modelos de diversos tipos de conhecimento atuam no processamento da ação comunicativa.

Assim sendo, a cognição passa a ocupar lugar de destaque nos estudos linguísticos, tendo em vista a ativação e a reativação de conhecimentos arquivados e disponíveis na memória dos sujeitos da comunicação, que direta ou indiretamente atuam na atividade de linguagem.

Koch (2004) discute a existência de quatro sistemas de conhecimento do processamento textual: o linguístico, o enciclopédico, o interacional e os modelos textuais globais, que são conhecimentos que explicam as relações sintáticas, culturais, sociais, pragmáticas, estruturais, etc., que subjazem à produção e à recepção da linguagem verbal.

Admite-se, então, a importância dos modelos cognitivos como estruturas complexas de conhecimentos e de experiências vivenciadas, que representam convenções estereotipadas de conceitos, situações e eventos sociais.

Na perspectiva cognitiva, postula-se que o texto é o resultado de múltiplas operações cognitivas interligadas e que cabe à Linguística Textual desenvolver procedimentos de descrição do texto que correlacionem os diversos tipos de conhecimentos envolvidos na produção e na compreensão textual.

Koch (2004) defende que o texto resulta de operações mentais e passa a ser abordado sob o ponto de vista de seu processo:

(...) o texto passa a ser considerado resultado de processos mentais: é a abordagem procedural, segundo a qual os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividades da vida social, têm conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada de sucesso. (KOCH, 2004.p.21)

Sendo assim, o texto passa a ser focalizado sob a perspectiva das operações e/ou cálculos mentais realizados pelos usuários da língua, a partir de seus conhecimentos sobre o código linguístico, sobre os modelos de textos, sobre os eventos socioculturais, entre outros.

Cabe ressaltar que, em um primeiro momento, a perspectiva cognitiva divide o mundo em duas entidades: a interior, do mundo mental, e a exterior, do mundo físico-social. Essa separação passa a ser questionada, quando a cognição passa a dialogar com outras ciências – Neurologia, Antropologia, Sociologia, etc. – dando origem à perspectiva sociocognitiva que incorpora aspectos sociais, culturais e interacionais às operações cognitivas.

Assim, a cognição passa a ser vista sob a concepção social. O que significa dizer que as operações cognitivas resultam de interações. Conforme postula Koch (2004,p.30): “(...) tais operações não se dão apenas na cabeça dos indivíduos, mas são o resultado da interação de várias ações conjuntas por eles praticadas.”

Tendo em vista essa abordagem sociocognitiva, o texto assume nova concepção embasada na linguagem como ação compartilhada e situada sócio-historicamente. Dentro dessa concepção, Beaugrande (1997.p.15) concebe o texto como um “ *evento comunicativo em que convergem as ações linguísticas , cognitivas e sociais.*”

Pode-se dizer, assim, que o texto compreende uma produção de linguagem que mobiliza diferentes saberes para sua configuração. Sua produção estrutura-se por meio do sistema de uma língua natural e, coordenadamente, por meio de aspectos cognitivos e pragmáticos peculiares a cada situação comunicativa, bem como pelos processos interacionais que condicionam as funcionalidades dos textos.

Essa concepção de texto como interação fundamenta este trabalho. Sob essa perspectiva é que se propõe estudar o fenômeno da referenciação na produção do texto, em especial no que diz respeito às expressões nominais referenciais que são mais persuasivas do que meramente coesivas, marcadoras da subjetividade presente no texto.

Nesse trajeto em busca de melhor entender o texto, apresenta-se, a seguir, a noção de textualidade, entendida como conjunto de princípios constitutivos do evento textual, segundo Beaugrande (1997).

Após o estudo das diferentes concepções de texto no campo da Linguística Textual, serão feitas considerações sobre princípios de textualidade, pois os pressupostos desta pesquisa partem do texto e de sua textualidade para se compreender como as expressões nominais referenciais puderam contribuir para a criação textual machadiana.

## 1.5 A TEXTUALIDADE

De acordo com Beaugrande & Dressler (1981) e Beaugrande (1997), a textualidade compreende sete princípios de conectividade do texto. Trata-se de critérios linguísticos e não-linguísticos presentes direta ou indiretamente na produção textual.

Ao conceber o texto como evento social, os autores orientam-se não só pelos aspectos linguísticos (sintático-semânticos), mas também pelos aspectos sociocomunicativos, pragmáticos e interacionais que compõem a concepção interacional de texto e de linguagem.

Nesse sentido, apontam-se sete princípios de textualidade: *a coesão, a coerência, a intencionalidade, a informatividade, a situacionalidade, a aceitabilidade e a intertextualidade.*

O *princípio da coesão* compreende as relações de conexão mútua entre os componentes linguísticos da superfície do texto, de maneira a construir diferentes relações de sentido. Em outras palavras, a coesão trata das conexões sintático-semânticas realizadas entre os elementos linguísticos marcados no corpo do texto.

Nessa perspectiva, Costa Val (2002), respaldada em Beaugrande (1997), afirma que a coesão compreende modos de relação entre os componentes da materialidade do texto:

A coesão é apresentada como o princípio que concerne aos modos como os componentes da superfície textual se conectam mutuamente, de sorte que *todas as funções que podem ser usadas para sinalizar relações entre os elementos da superfície se incluem na noção de coesão* (p.3). Essa conceituação amplia limites que se firmavam quanto a quais seriam e como funcionariam os “mecanismos” de coesão, que vinham sendo entendidos, em estudos teóricos e trabalhos de aplicação, como uma lista finita de recursos linguísticos cuja presença “garantia” a coesão do texto. (grifos da autora) (COSTA VAL, 2002.p.38)

Koch (2002) classifica dois tipos de modalidade de coesão textual: a coesão referencial e a coesão sequencial. A primeira diz respeito aos processos referenciais de retomada/remissão a um elemento linguístico marcado no co-texto anterior ou posterior. Nesse caso, são indicadores de processos de *coesão referencial*: o uso de artigos definidos e indefinidos, o uso de pronomes pessoais de 3ª pessoa, pronomes demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos, o uso de numerais cardinais, ordinais, advérbios, expressões nominais definidas, nomes genéricos, elipse, etc.

Já a modalidade *sequencial de coesão* dá-se por meio de outros dois procedimentos sequenciais de conexão entre as partes, parágrafos e trechos textuais: *sequenciação parafrástica e frástica*. São indicadores de procedimentos parafrásticos: a recorrência de um item lexical, a recorrência de estrutura sintática (paralelismo), as paráfrases etc. Dentre os procedimentos frásticos destacam-se: o uso de conectores interfrásticos, a manutenção temática por meio de termos de um mesmo campo lexical, a progressão textual por meio da articulação tema-rema, a justaposição de enunciados com e sem partículas conectivas, etc.

Outrossim, cabe dizer que o *princípio da coesão* é um fenômeno de relações entre elementos textuais, estreitamente, associados ao princípio da coerência, visto que, em certas conexões, faz-se necessário recorrer a elementos contextuais e interacionais para o *cálculo de sentidos*.

Koch (2004) alega que, embora sejam conceitos distintos, a coesão e a coerência possuem pontos comuns, por essa razão não podem ser separadas radicalmente. Assim, a autora explica:

(...) a distinção entre coesão e coerência não pode ser estabelecida de maneira radical, consideradas dois fenômenos independentes, pois, como vimos, nem sempre a coesão se estabelece de forma unívoca entre elementos presentes na superfície textual. Desta maneira, sempre que se faz necessário um cálculo do sentido, com recurso a elementos contextuais – em particular os de ordem sociocognitiva e interacional – já nos encontramos no domínio da coerência. Além do mais, os dois grandes movimentos responsáveis pela estruturação do texto – o de retrospectção e

o de prospecção -, realizados em grande parte por meio dos recursos coesivos, são determinantes para a produção dos sentidos e, portanto, para a construção da coerência. Passou-se, também, a postular uma coerência pragmática, relacionada, sobretudo, com atos de fala. Muitos autores passaram, então, a reivindicar que a coerência se constroi por meio de processos cognitivos operantes na mente dos usuários, desencadeados pelo texto e seu contexto, razão pela qual a ausência de elementos coesivos não é, necessariamente, um obstáculo para essa construção. (KOCH, 2004.p.46)

Para Costa Val (2002) tanto a coesão quanto a coerência são construídas a partir de sinalizações deixadas pelo produtor do texto. Isso significa dizer que cabe ao interlocutor construí-las com base no material linguístico disponível e em processos cognitivos desencadeados pelos aspectos pragmáticos e sociocomunicativos.

O *princípio da coerência* compreende as relações semânticas, cognitivas e inferenciais que constroem um *mundo textual* lógico. Assim, a coerência trata das associações lógicas entre os componentes da materialidade textual e os aspectos sociocomunicativos (pragmáticos), de modo a construir um *mundo textual* adequado à situação comunicativa. (cf. Costa Val, 2002)

De acordo com Fávero (2002), a coerência responde pelas relações conceituais que subjazem entre os componentes co-textuais e contextuais, de modo a construir os sentidos do texto e sua *macrotextualidade*.

Para Koch (2004), a coerência compreende fenômeno semântico do domínio sociocognitivo e pragmático, por construir relações macroestruturais profundas. Assim, a coerência concerne à produção de significados. Ela é construída a partir de processos cognitivos desencadeados por marcas textuais e contextuais.

O *princípio da intencionalidade* refere-se aos propósitos comunicativos do produtor do texto, aos seus objetivos discursivos que são informar, convencer, persuadir ou incitar uma ação do interlocutor. Trata-se da ação ilocutória do discurso, na qual o locutor tenciona realizar uma ação verbal coesa e coerente.

De acordo com Beaugrande (1997), um texto pode até não conseguir realizar sua intenção, seu propósito, mas o *princípio da intencionalidade* sempre existe no evento comunicativo.

O *princípio da informatividade* diz respeito à organização do conteúdo do texto, que deve primar pelo equilíbrio entre a quantidade de informação dada e nova. Isso significa dizer que o produtor do texto precisa administrar a expectativa que seu texto provoca, ou seja, o discurso não pode ser, totalmente, previsível, nem tampouco absolutamente inédito, o que traria problemas de compreensão ou falta de interesse por parte do interlocutor. Ajustar a quantidade de informações dada e nova é a principal questão que envolve o princípio da informatividade.

O *princípio da situacionalidade* concerne à adequação do texto às situações comunicativas, aos diferentes contextos sociopolíticos e culturais. Assim, a situacionalidade trata das convenções sociais e históricas que envolvem a produção textual.

Segundo Costa Val (2002), a situacionalidade não concerne apenas às circunstâncias físicas ou empíricas, mas também à interpretação dos contextos de realização textual.

A autora ainda comenta que a situacionalidade corresponde mais à adequação do texto a uma determinada situação do que à “correção em termos de correspondência ao ‘mundo real’ (...)” . (COSTA VAL, 2002.p.40)

O *princípio da aceitabilidade* liga-se à expectativa do interlocutor, que espera do texto coerência, relevância e novos conhecimentos. Nesse princípio, entra em questão a cooperação entre os interlocutores, isto é, o leitor/ ouvinte precisa interagir com o texto, entrar no *jogo* da interlocução. Por sua vez, o produtor do texto espera essa cooperação de seu interlocutor, no sentido de aceitar a comunicação.

Segundo Koch (2004), a aceitabilidade associa-se, também, ao princípio de cooperação de Grice (1975), que trata das máximas da conversação, isto é, estratégias de cooperação adotadas pelo produtor a fim de que seu texto seja

aceito. Essas estratégias referem-se à qualidade (originalidade), à quantidade (informação), à relevância, à concisão, à clareza, entre outras estratégias de cooperação.

Por fim, o *princípio de intertextualidade* diz respeito ao diálogo entre textos, isto é, os textos são produzidos a partir da experiência de leitura e da referência a outros textos. Isso significa dizer que os sentidos de alguns textos dependem do conhecimento de outros textos já existentes. Para Koch (2004), esses textos já existentes servem de fonte de referência. Por essa razão, são denominados *textos-fonte*. Por sua vez, um texto inserido em outro denomina-se *intertexto*.

De acordo com Koch (2004), a intertextualidade pode dar-se explícita ou implicitamente. Quando ocorrer menção direta ao texto-fonte, a intertextualidade será explícita (citações, traduções, referências, etc). Já a intertextualidade implícita ocorre quando não se faz menção ao texto-fonte. Nesse caso, espera-se que o leitor/ ouvinte recorra à sua memória discursiva para identificar a intertextualidade implícita e a partir dela construir sentidos para o texto. Koch, Bentes & Cavalcante (2007) apresentam alguns tipos de intertextualidade: *intertextualidade temática, intertextualidade estilística, intertextualidade explícita e implícita*.

A *intertextualidade temática* é encontrada quando um mesmo tema, pensamento e/ou conceito é tratado por diferentes obras, mesmo que ocorram novas focalizações sobre o tema.

A *intertextualidade estilística* ocorre quando o produtor do texto lança mão de formas, estilos e variações linguísticas recorrentes em outros autores para compor seu texto e atingir seus variados propósitos ilocutórios (ironizar, parodiar, criticar, etc.).

A *intertextualidade explícita* diz respeito ao uso de referências marcadas claramente no texto, tais como citações, traduções, resumos, etc., que indicam a fonte do *intertexto* (cf. KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007). O uso desse tipo de intertextualidade pode servir de argumento de autoridade e de legitimidade para textos argumentativos e científicos.

A *intertextualidade implícita* ocorre quando não há menção e/ou referência explícita ao texto-fonte, uma vez que o produtor do texto pressupõe que seu interlocutor recupere o *intertexto* a partir de conhecimentos de mundo arquivados na memória.

## **2. REFERENCIAÇÃO**

Neste item, apresenta-se a noção de referenciação, conforme postulam Mondada & Dubois (1995, 2003). Especialmente, destacam-se as estratégias e algumas funções referenciais desempenhadas por expressões nominais na produção do texto escrito.

## 2.1 DA REFERÊNCIA À REFERENCIAÇÃO

A noção de referência corresponde ao conceito de reflexão do mundo, segundo o qual as palavras podem reproduzir fielmente as coisas. Para Mondada & Dubois (2003), essa perspectiva representacional ligava-se à ideia de “metáfora do espelho” – de reflexo da realidade. Nesse sentido, os referentes eram instâncias recuperáveis, objetivamente, pela linguagem, havendo, assim, ligação referencial direta entre a linguagem e os objetos do mundo.

Sob essa perspectiva, os sujeitos da atividade verbal podiam, igualmente, perceber e compreender os objetos do mundo, tais quais eles eram apresentados. Essa noção de referência não considerava os aspectos interacionais, cognitivos, motivadores de processos referenciais. Por essa razão, a visão referencial especular do mundo não se mostrou suficiente para explicar o dinamismo da relação entre a linguagem, a significação e o mundo.

Ao considerar a referência como meio de representação objetiva, salienta-se uma visão estruturalista de linguagem. No estruturalismo, a língua compreendia um sistema de signos linguísticos de codificação e de decodificação, no qual as entidades do mundo poderiam ser representadas pelo instrumento da língua. Entretanto, essa concepção de língua e de referência passou a ser questionada, na medida em que se compreendeu que a língua não era um simples instrumento de representação de um mundo *que tampouco está aí pronto (...)* (cf. MARCUSCHI, 2004.p.263)

Assim sendo, a noção de referência é substituída pela noção de referenciação (cf. MONDADA & DUBOIS, 2003), segundo a qual os objetos do mundo não são práticas sociais entre os sujeitos da atividade de linguagem.

Mondada & Dubois (2003) contrapõem à noção de referência à de referenciação, ao afirmarem:

Em resumo, passando da referência à referenciação, vamos questionar os processos de discretização e de estabilização. Esta abordagem implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito “encarnado”, mas ainda um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo. Este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente às categorias manifestadas no discurso. Isso significa que, no lugar de fundamentar implicitamente uma semântica linguística sobre as entidades cognitivas abstratas, ou sobre os objetos *a priori* do mundo, nós nos propomos reintroduzir explicitamente uma pluralidade de atores situados que discretizam a língua e o mundo e dão sentido a eles, constituindo individualmente e socialmente as entidades. (MONDADA & DUBOIS, 2003.p.20)

A referenciação compreende, portanto, uma atividade sociocognitiva de construção de referentes no e pelo discurso pela ação dialógica entre os sujeitos da enunciação. Por essa razão, os referentes não são entidades dadas nem pré-existentes ao discurso, mas construções sócio-históricas nascidas de interpretações e de percepções dos interlocutores, quando da interação humana pela linguagem.

Nesse sentido, fundamentado em Mondada & Dubois (1995), Marcuschi (2003) compreende a referenciação como atividade interativa e discursiva de construção de referentes, que são tomados como objetos-de-discurso, ou seja, construções negociadas dialogicamente. Corroborando com o autor, Koch (2004) afirma que o discurso constrói o objeto ao qual ele se refere, tendo em vista as escolhas cognitivas e linguísticas para a (re) construção dos objetos-de-discurso e de seu *querer-dizer*.

Segundo Mondada & Dubois (2003), a concepção de referenciação parte da instabilidade constitutiva da categorização de objetos de discurso. As autoras defendem que a construção desses referentes apoia-se em processos cognitivos, linguísticos, pragmáticos e interacionais, que constroem e renovam os pontos de vista sobre os referentes.

De acordo com Coseriu (1977), a linguagem verbal interpreta a realidade. São as interpretações culturais que constroem as visões do mundo. Assim, o autor entende a realidade e os referentes como produtos das interpretações humanas.

Koch (2003) postula que a realidade não existe por si só. Ela é produto das percepções culturais que constroem estereótipos, fomentando as representações de mundo construídas na e pela linguagem durante as interações sociais. Poder-se-ia dizer, assim, que as representações de mundo são produtos de interpretações e de percepções culturais mediadas pelas interações discursivas entre interlocutores.

Sabendo-se que os objetos-de-discurso são construções sociocognitivas, entende-se que os referentes não podem ser estáveis, pois eles passam pelo crivo das percepções humanas, pelas ideologias de grupos, pelos diferentes contextos pragmáticos e, sobretudo, pelo diálogo entre os atores da ação discursiva.

Para Mondada & Dubois (2003), a instabilidade das categorizações do mundo é um fenômeno sincrônico e diacrônico. As categorizações são flexíveis, inconstantes, porque resultam de negociações intersubjetivas e de fatores histórico-pragmáticos. Desse modo, os objetos-de-discurso podem ser *categorizados, recategorizados e de-categorizados*.

Afirma-se, juntamente com Mondada & Dubois (2003), que a instabilidade de relação entre a língua e os objetos-de-discurso pode ser relacionada mais à pragmática da enunciação do que à semântica descritiva dos objetos, o que significa dizer que a categorização de objetos-de-discurso decorre principalmente de ações sociocognitivas situadas.

Sendo assim, os objetos-de-discurso são referentes categorizados e recategorizados, discursivamente, por meio de processos de reformulação que visam à sua adequação aos diferentes contextos comunicativos. Essa reconstrução de categorias ajusta-se ao mundo contínuo do discurso.

Embora se defenda que os objetos-de-discurso são referentes construídos interativamente por meio de processos sociocognitivos, sendo assim instáveis porque são produzidos no e pelo discurso, não se pode desconsiderar também a estabilidade relativa em que se ancoram as categorias prototípicas e/ou estereotipadas.

A estabilidade relativa dos objetos-de-discurso também está associada aos aspectos cognitivos que colaboram para a construção de protótipos. Sobretudo, não se pode perder de vista que essa estabilidade resulta de processos de convenção social e de interlocução entre os sujeitos da comunicação.

Sem a estabilidade relativa dos objetos-de-discurso, não se poderia pensar em comunicação, pois um interlocutor não entenderia o outro. Os referentes não seriam produções sociais interativas. Para cada homem, a realidade seria resultado de suas idiossincrasias, não de práticas sociodiscursivas.

Portanto, os objetos-de-discurso compreendem produções discursivas de sujeitos da atividade de linguagem que, no e pelo discurso, introduzem, retomam ou modificam os referentes, realizando, assim, estratégias de referenciação.

## 2.2 ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO

De acordo com Koch & Elias (2006), a construção dos objetos-de-discurso ocorre por meio de estratégias de referenciação. Essas estratégias dizem respeito aos processos de *introdução*, *retomada* e *desfocalização* de referentes. A mobilização desses referentes constitui a progressão referencial do texto. É nesse percurso que o texto desenvolve-se, articula-se e adquire progressão textual.

A estratégia de *introdução* refere-se à construção de um objeto-de-discurso, isto é, introduz-se um novo referente que até então não havia sido apresentado no texto. Ao realizar essa *introdução*, o referente (objeto-de-discurso) fica em foco na memória discursiva e saliente na superfície textual.

Para Koch & Elias (2006), os processos de introdução de referentes podem dar-se por meio da *ativação ancorada* e da *ativação não-ancorada*. Esta última trata da introdução de um objeto-de-discurso novo, ou seja, o referente, até então, não constava do co-texto. Por outro lado, a *ativação ancorada* diz respeito à introdução de um objeto-de-discurso com base em algum tipo de relação estabelecida pelo co-texto ou pelo contexto sociocognitivo.

A *ativação ancorada* pode ocorrer por meio de anáforas indiretas e associativas. As primeiras não possuem um antecedente explícito no co-texto, mas um elemento que serve de *âncora* semântica para a interpretação do objeto-de-discurso. Já as anáforas associativas introduzem um referente a partir de relações meronímicas e/ou metonímicas, nas quais os referentes podem ser interpretados a partir da apresentação de elementos que compõem suas partes, seu conteúdo, suas características marcantes, etc. (cf. KOCH & ELIAS, 2006)

A *retomada*, por sua vez, refere-se ao processo de manutenção do objeto-de-discurso, ou seja, reativa-se um referente já apresentado no texto por meio de uma forma linguística referencial, de maneira que o referente permaneça em foco.

Quanto à *desfocalização*, trata-se da introdução de um novo referente, criando uma nova focalização. Nesse caso, para Koch & Elias (2006.p.126), o

referente que sai de foco “permanece em estado de ativação parcial (*stand by*), ou seja, ele continua disponível para utilização imediata sempre que necessário.”

Sendo assim, as estratégias de referenciação compreendem os fenômenos sociocognitivos, culturais e linguísticos que atuam na categorização da realidade sob o filtro das percepções humanas em processos interativos.

Ressalta-se, ainda, que as estratégias de referenciação contribuem para a progressão textual, à medida que introduzem, retomam e desfocalizam os referentes do texto.

Koch (2003) destaca três formas linguísticas referenciais que promovem a progressão do texto. A autora ainda afirma que esses recursos podem ser de ordem gramatical (pronomes, elipses, numerais, advérbios, etc.) ou de ordem lexical (reiteração de itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais, etc.). Assim, a autora identifica as três formas linguísticas de progressão textual:

- a) uso de pronomes ou elipses (pronome nulo);
- b) uso de expressões nominais definidas;
- c) uso de expressões nominais indefinidas. (Koch, 2003.p.85)

O uso de pronomes referenciais ou de elementos gramaticais com função de pronome é descrito pelos estudos linguísticos como *pronominalização*, anafórica ou catafórica, conforme seu movimento referencial co-textual, respectivamente, retrospectivo ou prospectivo. (cf. KOCH, 2003)

Por sua vez, o uso de expressões nominais referenciais compreende as descrições definidas, as nominalizações, as rotulações, as anáforas diretas, indiretas e associativas. De acordo com Koch (2004), essas expressões referenciais podem constituir-se de um determinante (artigo definido e indefinido, pronomes

demonstrativos e possessivos), de um nome-núcleo (genérico, metafórico, meronímico e/ou metonímico, metadiscursivo, etc), sendo a configuração básica: o determinante e o nome-núcleo.

Para Koch (2004), as expressões referenciais representam as escolhas cognitivas e linguísticas reveladoras do *projeto de dizer* do produtor do texto, de suas opiniões, crenças, ideologias, propósitos ilocutórios e de propriedades marcantes dos objetos-de-discurso que podem revelar informações que o autor julga desconhecidas de seu interlocutor.

### 2.3 MOVIMENTOS ANAFÓRICOS E CATAFÓRICOS E AS EXPRESSÕES NOMINAIS REFERENCIAIS

As expressões nominais referenciais realizam dois grandes movimentos referenciais: a anáfora e a catáfora, que compreendem movimentos referenciais à esquerda (retrospecção) e à direita do texto (prospecção), respectivamente, promovendo relações coesivas, semânticas, cognitivas, avaliativas e a progressão textual.

Embora apresentados, aqui, como funções dos grupos nominais, os fenômenos da anáfora e da catáfora também podem ser expressos por meio de outras categorias: pronomes pessoais de terceira pessoa, substantivos, possessivos, numerais, etc., conforme Koch (1992). Entretanto, constitui objetivo desta pesquisa tratar tão somente do fenômeno anafórico e catafórico por meio de expressões nominais.

O fenômeno referencial anafórico realiza-se em relação a dois termos: um anaforizado (anterior) e outro anaforizante (posterior). Do mesmo modo, o catafórico está em relação aos termos cataforizante (anterior) e cataforizado (posterior). No entanto, o movimento referencial dá-se diferentemente entre esses dois fenômenos. No anafórico, o movimento é retrospectivo, de referência a um elemento anterior do co-texto ou da memória semântica. Já no catafórico o movimento é prospectivo, isto é, antecipa-se um elemento ou uma informação sobre o referente que ainda não está marcado no co-texto nem na memória semântica, pois o referente ainda não possui *endereço cognitivo*. A título de exemplificação, Koch (2004) aponta:

- (1) “Na última semana, a polícia apreendeu em uma loja em São Paulo *frascos de um veneno* cuja fabricação e venda estão proibidas no Brasil. **O material apreendido** contém a mesma substância encontrada nas vísceras dos animais mortos, o fluoracetato de sódio”. (fenômeno anafórico)
- (2) “A polícia investiga as mortes dos animais do Zoológico de São Paulo e trabalha com **duas hipóteses**: *envenenamento criminoso ou transmissão do veneno via ratos*.” (fenômeno catafórico)

Segundo Apothéloz (2003), o fenômeno anafórico não se dá sempre sob as mesmas condições, mas conforme as propriedades específicas de suas realizações. Assim, têm-se anáforas com caráter sintático, quando suas interpretações dependerem de relações sintáticas com seu antecedente marcado linguisticamente e anáforas com caráter pragmático, quando suas relações de referência fundamentam-se em fatores contextuais e pragmáticos.

Ainda Apothéloz (2003) discute que a referência anafórica coloca múltiplos problemas de relação entre anaforizado e anaforizante. Primeiro, para o autor, as formas referenciais anafóricas não se referem a um elemento antecedente, mas a processos referenciais mais gerais. Segundo, o antecedente não é visto como um elemento indispensável ao funcionamento do processo referencial, assim como não é um elemento sempre delimitável, mas também referenciado por seus atributos. Desse modo, Apothéloz (2003) concebe a anáfora sob processos gerais de referência.

Ressalta-se, então, que as expressões anafóricas não realizam referências sempre sob as mesmas condições e/ou restrições, por isso pode-se falar de tipos de anáfora (*anáfora fiel / infiel, anáfora por nomeação, anáfora por silepse e anáfora associativa*), conforme Apothéloz (2003).

A *anáfora fiel* ocorre quando o nome núcleo do elemento anaforizado é diferente do núcleo da expressão anafórica. Com efeito, a referência se estabelece por meio de sinônimos, de hipônimos, de hiperônimos, etc., (*uma casa ... a habitação* – APOTHÉLOZ, 2003.p.71).

Por sua vez, há *anáfora por nomeação* (nominalização) quando a expressão nominal referencial transforma uma proposição do co-texto anterior em objeto-de-discurso. Podem-se apontar dois casos desse tipo de anáfora: o primeiro concerne ao encapsulamento de uma proposição anterior cujo processo transforma o verbo principal da oração em nome-núcleo da expressão nominal referencial. O segundo trata do processo de encapsulamento de uma informação precedente sem

propriamente o fenômeno da derivação verbal. Em Apothéloz (2003.p.72), identifica-se o seguinte exemplo de nomeação por derivação:

(4) Os arquivos do cineasta Abel Gance [...] serão vendidos em leilão, em Drouot, nos dias 3 e 4 de março. **A venda** compreenderá uma centena de cenários manuscritos.

No que diz respeito ao encapsulamento anafórico sem derivação verbal, tem-se, em Apothéloz (2003.p.72), o seguinte exemplo:

(5) Como a cada noite, você penteia cuidadosamente seus cabelos. Mas, que horror, a escova está cheia! Não se assuste, **esta queda** é a consequência da mudança de estação.

No caso acima, a expressão referencial ou anáfora por nomeação encapsula o conteúdo anterior a partir de implícitos, ou seja, inferências baseadas nos elementos co-textuais.

De acordo com Apothéloz (2003), as *anáforas por nomeação e/ou nominalização* realizam muito mais do que processos de remissão ou encapsulamento, elas contribuem para a construção do discurso.

A *anáfora por silepse* ocorre quando a referência é construída com base em relações de ideias, conforme a figura retórica de silepse cujas relações semânticas são estabelecidas ideológica ou associativamente. Nos casos de anáfora pronominal, as relações de concordância são determinadas pelo contexto pragmático. As *anáforas por silepse* estão estreitamente relacionadas às *anáforas associativas*, o que pode tornar muito difícil diferenciá-las. Empréstimo de Apothéloz (2003.p.73) o seguinte exemplo:

(6) Na cantina, **elas** se queixaram de que era preciso raspar o forno.

Por fim, a *anáfora associativa* ocorre quando a referência é estabelecida a partir de relações interpretativas entre o referente e a expressão referencial. Com efeito, nesses casos, não há correferência, todavia o referente é dado como conhecido, identificável por meio de processos associativos e/ou interpretativos baseados em conhecimentos partilhados, em estereótipos, etc. A título de exemplo, Apothéloz (2003.p.76) destaca:

(7) Nós chegamos a uma cidade. **A igreja** estava fechada.

Para Koch (2003), as *anáforas associativas* constituem um subtipo das *anáforas indiretas* cujo processo referencial pressupõe um referente implícito, que pode ser inferido a partir de elementos do co-texto anterior ou do contexto sociocognitivo. Os casos de *anáfora associativa* baseiam-se em questões semântico-pragmáticas e em relações meronímicas e/ou metonímicas. Isto é, relações referenciais baseadas em associações entre elementos que compõem as partes de um referente, bem como em associações entre o conteúdo e o continente do referente. Melhor dizendo, em relações meronímicas, um elemento referencial é considerado ingrediente do outro. Já em metonímicas, um elemento referencial liga-se a outro, não só por ser ingrediente, mas também por meio de quaisquer associações lógicas de sentido. Vê-se, portanto, que a noção de meronímia e de metonímia é estreita. A título de exemplificação, Koch & Elias (2006.p.129) pontuam:

(8) Estávamos todos, aqui da vizinhança, acostumados a vê-lo, parado em frente à casa dos gatos.  
Eu o conhecia havia quatro anos.  
Quieto, acabrunhado, *um farol arreventado*, a *pintura* que foi gelo adquirindo cor macilenta.  
Estilhaços de ferrugem. *Os pneus* duraram algum tempo, murcharam, carecas. *Os cromados* cheios de pontos negros.  
Mas *os vidros* misteriosamente intactos.  
**O Fusquinha** acabou uma espécie de mascote. (...)

Nesse sentido, as *anáforas indiretas* compreendem também formas nominais referenciais sem referentes explícitos, por isso são dependentes interpretativamente de elementos de base do co-texto ou do contexto sociocognitivo para a construção dos sentidos.

Segundo Koch (2003), as *anáforas indiretas* são essenciais para a construção da coerência e da progressão textual, tendo em vista que elas introduzem e reativam objetos-de-discurso, com base em algum tipo de associação interpretativa. Para anáforas desse tipo, Koch (2003.p. 108) destaca o seguinte exemplo:

- (9) De acordo com testemunhas, o avião saiu de sua rota pouco depois de decolar e fez meia-volta quando sobrevoava Gonesse. **A manobra** teria sido uma tentativa do piloto de reconduzir a aeronave ao aeroporto.

A distinção entre *anáforas indiretas* e *associativas* não é fácil de ser identificada, pois processos complexos de caráter sociocognitivo percorrem tanto a configuração das *anáforas indiretas* quanto das *associativas*. É importante atentar para as fronteiras tênues entre esses dois processos de referenciação que se apoiam em questões interpretativas. Conforme Koch (2003), o que parece ser um fator diferencial é a relação meronímica e/ou metonímica característica das *anáforas associativas*.

## 2.4 EXPRESSÕES NOMINAIS REFERENCIAIS: ALGUMAS FUNÇÕES

As expressões nominais referenciais desempenham diversas funções cognitivo-discursivas que colaboram para a construção textual. Dentre essas funções apresentam-se: o encapsulamento, a rotulação, a orientação argumentativa, a organização macroestrutural, a marcação cognitiva de parágrafos, etc. (cf. KOCH, 2003, 2004; KOCH & ELIAS, 2006)

As expressões nominais referenciais são formas linguísticas que remetem a elementos ou a informações do co-texto anterior (anáfora), do posterior (catáfora) ou a elementos contextuais, não marcados na materialidade do texto. Nesse, sentido, as expressões referenciais operam (re) categorizações ou (re) focalizações de objetos-de-discurso, à medida que reativam os referentes na memória operacional do interlocutor.

Ainda, convém dizer que essas expressões referenciais desempenham *função predicativa*, pois apontam para informações novas. Trata-se, segundo Koch (2004), de expressões *referenciadoras* e *predicativas*, visto que encapsulam e rotulam informações dadas e, também, introduzem novas.

### 2.4.1 Encapsulamento

O encapsulamento consiste na sumarização de informações-suporte do contexto anterior, que são transformadas em objetos-de-discurso. Nessa função, as expressões não se referem a um referente específico do texto, mas a instâncias abstratas com nomes-núcleo genéricos, tais como *fenômeno*, *evento*, *fato*, etc. Por essa razão, a interpretação desses objetos-de-discurso está condicionada à mobilização de estratégias sociocognitivas.

A título de exemplo de encapsulamento, Koch & Elias (2006.p.138) apontam:

(10) Um homem lagarto, uma mulher que morreu três vezes, um animal que come a si mesmo, **fenômenos incríveis** revelados através de uma visão científica única.

De acordo com Conte (2003), o encapsulamento compreende uma anáfora lexical construída com nome genérico ou axiológico (valorativo), que funciona como síntese de um trecho precedente do texto. Daí o termo *encapsulamento anafórico* empregado pela autora.

O fenômeno de encapsulamento constrói elos coesivos entre os fragmentos do texto. Ao sumarizar um enunciado ou enunciação, as expressões nominais também introduzem um novo objeto-de-discurso que poderá constituir o tema de novas predicções do texto. Isso significa que o encapsulamento opera tanto como informação dada quanto como informação nova.

Conte (2003) discute que o fenômeno de encapsulamento veicula informação nova, à medida que seu nome-núcleo não se encontra marcado no co-texto precedente, configurando, assim, um referente novo. De outro modo, o encapsulamento veicula informação dada, à medida que resume uma porção anterior do texto. A autora ainda afirma que o determinante demonstrativo de *anáforas encapsuladoras* tanto aponta para a introdução de referentes novos quanto para a localização da porção textual resumida.

Nesse processo referencial e predicativo, pressupõe-se a seleção lexical do produtor do texto que revelará, por meio do nome-núcleo axiológico e de modificadores da expressão nominal, seu propósito ilocutório, seu ponto de vista sobre o referente, sua orientação argumentativa, etc. Em outras palavras, a expressão nominal encapsuladora avalia o evento, fato ou objeto descrito.

## 2.4.2 Rotulação

Afirma-se juntamente com Francis (2003) que a rotulação compreende o uso de grupos nominais, sob a forma de rótulos, para conectar e organizar o texto escrito. Os rótulos caracterizam-se, principalmente, por serem expressões nominais que necessitam de lexicalização marcada no co-texto anterior ou posterior. Eles encapsulam e nomeiam enunciações anteriores ou posteriores do co-texto, auxiliando o processo argumentativo do texto. Com vistas às suas realizações, os rótulos podem ser: *prospectivos*, *retrospectivos* e *metalinguísticos*. (cf. FRANCIS, 2003)

Os rótulos serão prospectivos quando precederem sua lexicalização, de modo a funcionar cataforicamente, antecipando expectativas sobre os referentes rotulados. Pode-se dizer que a rotulação prospectiva realiza funções predicativas, indicando direções e perspectivas de novos tópicos discursivos e, assim, associando-se às informações novas do texto. Francis (2003.p.192-193) destaca o seguinte exemplo de rótulo prospectivo:

Eu sei que aproximadamente 12 por cento da população é canhota. Por que, então, deve existir uma predominância tão grande de jogadores de golfe destros que, eu me informei, se estende também aos tacos? Em resposta a esta indagação, um colega meu, jogador de golfe, apresentou **duas razões**. A primeira foi que os iniciantes normalmente começam com tacos que foram herdados de outras pessoas, que são, em geral, destros. A segunda foi que, por motivos técnicos, pessoas canhotas tornam-se bons jogadores de golfe com a mão direita.

Por sua vez, os rótulos retrospectivos fazem o caminho inverso. Neles não se observa a motivação de se predizer algo para o interlocutor, visto que o movimento referencial aqui é à esquerda do texto.

Esses rótulos retrospectivos configuram-se a partir de um núcleo axiológico, neutro (não-avaliativo) ou geral, de um determinante dêitico (*o, este, esta, aquele, tal, etc.*) e, possivelmente, de modificadores e/ou qualificadores (adjetivos), que

complementam ou avaliam o nome nuclear do rótulo, projetando a orientação argumentativa do grupo nominal.

Nesse sentido, cabe dizer que a orientação argumentativa pode dar-se tanto por meio de nomes axiológicos nucleares quanto por modificadores dos nomes-núcleo, conforme afirma Koch (2003.p.94): “A escolha do nome-núcleo e/ou de seus modificadores vai ser a responsável pela orientação argumentativa do texto (...)”. Por isso, Francis (2003) postula que a coesão por meio da rotulação é uma função do grupo nominal inteiro. Isso significa que não só o nome nuclear, mas também os determinantes e os modificadores contribuem para o encapsulamento, para a rotulação, para a predição e para a orientação argumentativa.

Segundo Francis (2003), a rotulação desempenha a função de organização textual à medida que estabelece relações semânticas com o fato, o evento ou objeto-de-discurso rotulado. Nesse sentido, Francis afirma que o rótulo “não é selecionado independentemente, mas é um elemento numa configuração de escolhas lexicais e sintáticas compatíveis.” (FRANCIS, 2003.p. 194)

Por fim, os rótulos do tipo metalinguísticos caracterizam-se por rotularem enunciações co-textuais a partir de uma linguagem específica que retrata e identifica o próprio discurso e a língua como objetos de referência, isto é, a rotulação metalinguística diz respeito à própria formulação linguística. Os nomes nucleares dos rótulos metalinguísticos podem ser *ilocucionários*, *de atividades languageiras*, *de processos mentais e de textos*.

Os nomes ilocucionários são nominalizações de processos verbais, ou seja, cognatos de verbos. Os nomes de atividade languageira referem-se a algum tipo de atividade de linguagem. São nomes similares aos ilocucionários, mas normalmente não são cognatos de verbos. Os nomes de processos mentais relacionam-se aos estados ou aos processos cognitivos. Por fim, os nomes de texto remetem-se à estrutura textual (cf. FRANCIS, 2003). Portanto, os nomes nucleares estão associados aos atos verbais, aos resultados de atividades de linguagem, aos fenômenos mentais e aos procedimentos de escrita e organização de textos.

De acordo com Morato (2005), a metalinguagem e a referenciação estão estreitamente associadas sociocognitivamente, uma vez que esses processos revelam reflexividade enunciativa sobre o decurso da ação discursiva e sobre os propósitos dos sujeitos em interação comunicativa. Para a autora, a atividade metalinguística concerne ao tratamento da língua como objeto de construção de conceitos, classificações, etc.

Sendo assim, é importante considerar que o fenômeno da rotulação compreende um processo coesivo entre enunciações, trechos de um texto. Ainda, deve-se considerar que a rotulação resulta de um encapsulamento de segmento do co-texto anterior ou posterior, bem como os rótulos não são sempre nominalizações, casos de rotulação de ações e estados por meio de substantivo-predicativo. Enfim, a rotulação compreende importante estratégia cognitivo-discursiva que realiza funções macroestruturais, coesivas, argumentativas, etc.

### 2.4.3 Orientação Argumentativa

Segundo Koch (2005), uma das funções textuais das expressões nominais referenciais é a de atribuir orientação argumentativa aos enunciados e ao texto como um todo, segundo o propósito enunciativo do produtor do texto.

Para a autora, a argumentação liga-se, permanentemente, ao ato linguístico, considerando que todo e qualquer texto possui uma ideologia, que orienta o leitor a uma ação, a determinadas conclusões ou a reações, o que significa que o fazer linguístico é motivado por algum tipo de intenção social. É nesse sentido que Koch (2004) afirma que a interação social por meio da língua é marcada, principalmente, pela argumentatividade.

Dentre as marcas linguísticas de argumentatividade nos textos, podem-se apontar, conforme Koch (2004): as pressuposições, as intenções, os operadores argumentativos, os modalizadores de atitude, os tempos verbais, entre outras.

Em termos gerais, as pressuposições correspondem a condições presumidas para que um enunciado cumpra sua função informativa (cf. KOCH, 2004). Assim, as pressuposições compreendem implícitos, que asseguram a pertinência dos enunciados. No enunciado **João parou de beber cerveja**, parte-se do pressuposto ou da condição necessária de que João bebia cerveja. Se essa condição não for satisfeita, o enunciado não é apropriado. A relação entre a construção da informação explícita e a implícita (pressuposta) pode orientar argumentativamente o discurso, tendo em vista as crenças ou intenções, as quais o produtor do texto esteia-se para levar seu interlocutor a crer ou a aceitar algo. Nesse sentido, o uso argumentativo da pressuposição constitui “uma manobra argumentativa de grande eficácia”, segundo Koch (2004.p.71).

No que diz respeito às marcas linguísticas e argumentativas de intenções, cabe dizer que o produtor do texto sempre pretende atingir determinados objetivos que podem estar marcados explícita ou implicitamente no texto. A atividade de interpretação consiste em reconhecer essas intenções discursivas do escritor/falante, considerando que o dizer é acompanhado por um querer fazer. (cf.

KOCH, 2004). É nesse sentido que se entende a linguagem como uma forma de ação interativa entre os sujeitos da comunicação.

Além da pressuposição e das intenções, podem-se apontar os operadores argumentativos ou discursivos como marcas linguísticas de argumentação. De acordo com Koch (2004), os operadores argumentativos podem ser morfemas gramaticais de conexão (*mas, porém, embora, já que, pois, etc.*), palavras de inclusão (*até, mesmo, inclusive, também*), palavras de exclusão (*só, somente, apenas*), palavras de retificação (*aliás, ou melhor, isto é*) e palavras de situação (*afinal, então*). Esses elementos linguísticos são tratados pela Semântica Argumentativa como marcas linguísticas importantes para orientar a argumentação dos enunciados.

Para a argumentação do texto também colaboram os modalizadores de atitude ou do discurso. De um modo geral, os modalizadores relacionam-se à atividade ilocucionária, pois eles são reveladores de atitudes do escritor/falante ou do valor de verdade dos enunciados. Conforme Koch (2004), funcionam como modalizadores os advérbios modalizadores (*provavelmente, certamente, possivelmente*), os predicados cristalizados (*é certo, é preciso, é necessário*), os auxiliares modais (*poder, dever, precisar*), os operadores argumentativos (*pouco, um pouco, quase*), alguns modos verbais (*imperativo, subjuntivo*), tempos verbais (*presente, futuro do presente*), etc.

Como marcas de argumentação, os tempos verbais também podem apontar as forças ilocucionárias dos enunciados. Com base nos estudos de Weinrich (1964) sobre os tempos verbais do *mundo comentado* (*o presente, o pretérito perfeito composto, o futuro do presente* e as locuções verbais formadas desses tempos) e do *mundo narrado* (*o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito, o pretérito mais que perfeito, o futuro do pretérito* e as locuções verbais construídas a partir desses tempos), Koch (2004) busca adequar esses estudos à língua portuguesa e discutir o uso de tempos verbais como marcas linguísticas, que podem encerrar a atitude comunicativa.

Entretanto, as marcas linguísticas de argumentação por meio de pressuposições, de intenções, de operadores argumentativos, de modalizadores de atitude, de tempos verbais não serão contempladas no capítulo de análise, pois elas não constituem o foco desta pesquisa. Aqui, o estudo da orientação argumentativa delimita-se ao uso de expressões nominais referenciais que revelam intenções discursivas.

Considerando o uso argumentativo de expressões nominais referenciais, salientam-se as escolhas lexicais do produtor do texto para a construção dessas expressões e, sobretudo, para a concretização de sua proposta de sentidos. Ao priorizar a escolha de um nome-núcleo ou de um modificador dentre uma multiplicidade de possibilidades, o escritor/falante encerra a força ilocucionária de seu discurso.

Essas escolhas lexicais do escritor orientam o leitor a construir sentidos pretendidos pelo texto, de modo que os objetivos discursivos do escritor sejam atingidos, pelo menos, parcialmente.

Desse modo, a seleção lexical constitui um recurso retórico de conduzir a orientação argumentativa do texto, tendo em vista que o léxico pode revelar informações sobre a opinião, a atitude e a crença do produtor do texto. Portanto, a escolha de nomes-núcleo ou modificadores imprime aos enunciados, e ao texto, as intenções enunciativas do seu produtor, principalmente, se os termos linguísticos forem explicitamente avaliativos.

A escolha de nomes metafóricos para compor o núcleo e/ou os modificadores de expressões nominais, em (re) categorizações, também compreende um dos meios de construir avaliações e argumentos, que assegurem os propósitos comunicativos do texto. (cf. KOCH, 2003, 2004, 2005)

Além disso, a escolha lexical pode revelar que o produtor do texto deseja dar a conhecer ao seu interlocutor aspectos e informações relevantes sobre os referentes, tendo em vista determinada orientação argumentativa.

Conforme Koch (2005), a atividade metalinguística constitui outra estratégia de conduzir o processo argumentativo do texto e de revelar informações sobre o produtor do texto. Assim, a autora pondera que:

(...) a escolha de expressões metalinguísticas e metadiscursivas, dentre as várias opções possíveis, é importante indício da opinião do locutor não só a respeito do discurso que está sendo rotulado, como também a respeito do próprio enunciador desse discurso. (KOCH, 2005.p.44)

Nesse sentido, as expressões nominais referenciais que funcionam metadiscursivamente não só resumem uma porção textual, como também focalizam a própria atividade verbal, avaliando-a, comentando-a, segundo a visão de mundo do escritor do texto.

Assim sendo, os nomes metalinguísticos podem orientar a argumentação do texto. Sua argumentatividade está relacionada às estratégias discursivas e às relações semânticas construídas pelo escritor para atingir seu *projeto de dizer* (cf. KOCH, 2003)

De acordo com Koch (2004), o interrelacionamento de campos lexicais também pode servir de recurso argumentativo do texto. Para a autora, relacionar ou associar os campos semânticos pode criar sentidos novos que atendam aos propósitos discursivos do escritor. Esse recurso argumentativo está muito ligado à criatividade ou à habilidade do escritor de construir relações diversas (semânticas, ideológicas, etc.) para orientar a argumentação do texto.

Conforme Conte (2003), a argumentatividade também pode dar-se por meio de sintagmas nominais, realizando os fenômenos de encapsulamento anafórico e de rotulação constituídos por nomes axiológicos, que funcionam como importante meio de manipulação do interlocutor, considerando que esses nomes avaliam os fatos ou eventos discursivos e podem servir de argumentos para novas predicções.

Sobretudo, convém dizer que as escolhas lexicais do produtor do texto sempre orientam o seu interlocutor a construir determinados sentidos ou conclusões

para o texto, considerando que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo.  
(cf. KOCH, 2004)

### 3. A IMPORTÂNCIA DA REFERENCIAÇÃO NO DISCURSO DE BENTO SANTIAGO: ANÁLISE DO *CORPUS*

Escrito para sair diretamente em livro, o que ocorreu em 1900 embora com data do ano anterior, o terceiro romance *Dom Casmurro*, da “trilogia” realista de Machado de Assis, sugere três leituras sucessivas: a primeira, romanesca, é a história da formação e decomposição de um amor, do idílio da adolescência, passando pelo casamento, até a morte da companheira e do filho duvidoso; a segunda, próxima do romance psicanalítico e policial, é o libelo acusatório do marido-advogado à cata de prenúncios e evidências do adultério, tido por ele como indubitável; e a terceira, mais instigante, deve ser realizada à contracorrente, pela inversão do rumo da desconfiança, transformando em réu o próprio narrador, em acusado o acusador. Este, na ânsia de convencer a si mesmo e ao leitor da culpa da mulher, monta uma rede intrincada de armadilhas para defender a reputação de um cidadão-acima-de-qualquer-suspeita que, estando com a palavra, tenta seduzir o “fino leitor” e a “castíssima leitora”, para ganhar-lhes a simpatia.

A partir disso, esta análise tem por objetivo comprovar de que maneira os recursos da referenciação contribuíram para que o narrador de *Dom Casmurro* alcançasse seu objetivo de “*atar as duas pontas da vida*”, por meio de um discurso altamente subjetivo – haja vista a narrativa em primeira pessoa – valendo-se de expressões nominais referenciais que expusessem de maneira unilateral e persuasiva a maneira como as personagens e situações narradas foram por ele interpretadas e vivenciadas.

Todavia, é necessário deixar claro aqui que este trabalho não tem a intenção de se enviesar em análises acerca de supostas discussões sobre a temática da ambiguidade do adultério que circundam, ao longo de anos, essa obra machadiana. O objetivo é apenas comprovar a importância das escolhas lexicais referenciais do narrador para tornar seu discurso persuasivo dentro de um determinado contexto. Ou seja, o estudo é acima de tudo linguístico.

Para tanto, decidiu-se dividir esta análise conforme se pode fragmentar a narrativa: em três momentos. A partir disso, o *corpus* trará exemplos de alguns

mecanismos de referenciação usados pelo narrador e a análise apontará os efeitos de sentido proporcionados pelas escolhas lexicais de Bentinho.

Desse modo, o enredo será dividido levando-se em conta três fases do enredo:

- a primeira: que corresponde ao momento em que Bento se recolhe e se põe, no presente, a escrever a sua história, passando a ser conhecido como Dom Casmurro - essa fase se passa no momento da narração.
- a segunda: que corresponde à infância de Bento Santiago, quando é chamado de Bentinho - essa fase se passa basicamente em sua casa de infância e termina no momento em que Bento sai do seminário.
- a terceira: que corresponde à maturidade, quando ele se torna um advogado bem-sucedido e se casa com Capitu, passando a ser chamado de doutor Bento Fernandes Santiago - essa fase está atrelada ao momento do casamento, em que já adulto e compartilhando a vida com o casal vizinho Escobar e Sancha, Bento suspeita da traição de Capitu.

### 3.1 PRIMEIRA FASE: A REFERENCIAÇÃO NO TEMPO DA NARRAÇÃO ( A HISTÓRIA DE DOM CASMURRO)

Na tentativa de “*atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência*”<sup>1</sup> (p.14), a releitura que o memorialista do Engenho Novo faz do menino e do jovem da Rua de Matacavalos revela a estrutura unitária, perfeita e completa de um discurso que, desde o início, é marcado por extrema subjetividade.

Sabe-se que a narrativa começa no momento em que Bento Santiago, viúvo, filtrando o mundo por meio do pessimismo e da ironia, resolve explicar os motivos pelos quais resolveu escrever e esclarecer ao leitor algumas questões básicas a respeito da escolha do título e sobre o próprio livro. Depois disso, faz um longo flashback para recuperar suas memórias dos tempos da infância, da juventude e da fase em que estava casado com Capitu.

Em relação ao tempo da narração, Bento Santiago viúvo tece suas afirmações em cinco capítulos (“Do Título”, “Do livro”, “Uma Pergunta Tardia”, “A Exposição Retrospectiva” e “E Bem, E o Resto?”) selecionados intencionalmente aqui: dois dispostos no início da obra e o restante, no final dela. Há que acrescentar que, ao longo da narrativa, há acréscimos de comentários e digressões que são feitos no tempo da narração, mas aqui serão focalizados apenas os citados.

A partir disso, para se observar o papel das expressões referenciais nessa fase do discurso do narrador, inicia-se a análise desse período a partir do capítulo I “Do Título” (2006, p.11), em que ele explica o motivo pelo qual nomeou sua narrativa de *Dom Casmurro*:

No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me Dom Casmurro. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à **alcunha**, que afinal pegou. Nem por isso me zanguiei. Conteí **a anedota** aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você”. – “Vou para Petrópolis, Dom Casmurro: [...]” (2006, p.11)

1. Todos os trechos da obra *Dom Casmurro*, utilizados nesta dissertação, foram retirados de: ASSIS, José Maria Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Saraiva, 2006

Nesses trechos do capítulo inicial, percebe-se a introdução de um referente que se dá por meio da estratégia anafórica chamada de *rotulação*. É evidente que a expressão **a alcunha** – *anáfora direta* - que retoma e rotula Dom Casmurro e **a anedota** que retoma indiretamente (*anáfora indireta*) e rotula o episódio ocorrido no trem – ambas de conotação negativa – não cumprem no texto, única e exclusivamente função de referência, haja vista que o narrador, com o propósito de explicitar seu descaso ao codinome recebido, opta por se referir a ele, primeiro valendo-se de um vocábulo que remete o leitor à denominação, por vezes depreciativa, que se usa em lugar do nome próprio de alguém (**alcunha**) e depois, por utilizar-se da expressão **a anedota** demonstrando, de forma jocosa, de que maneira lidou e classificou o episódio que lhe garantiu tal nomenclatura.

Nota-se, então, que o narrador – ao explicar ao leitor de que maneira surgiu o título do livro – deixa claro seu posicionamento de rejeição em relação a ele e à situação em que ele se deu: apelido pejorativo dado em uma situação patética. Deve-se lembrar, então, que Bento encontra-se solitário – no tempo da narração – e que lhe incomoda a situação de ser um “*homem calado, metido consigo mesmo*” (2006, p. 12), apesar de resignado.

No segundo capítulo “Do livro” (2006, p.13), em que Bento explica ao leitor o motivo pelo qual está a escrever o livro, também se notam expressões referenciais muito interessantes que corroboram a ideia de que o narrador demonstra, por meio de suas escolhas lexicais, a visão bastante subjetiva dos acontecimentos narrados.

Como a primeira fase do flashback corresponde à infância de Bentinho, os acontecimentos marcantes estão sempre atrelados ao espaço mais importante desse período: a casa de Matacavalos. Isso se pode verificar em alguns trechos:

- (1) Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia **daquela outra**, que desapareceu. [...] (2006, p.13)
- (2) [...] Entretanto, a vida diferente não quer dizer vida pior, é outra coisa. A certos respeito, **aquela vida antiga** aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei: mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em

verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler: como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, **esta monotonia** acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. [...] (2006, p.14)

- (3) O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, **a fisionomia** é diferente. Se só me faltassem os outros, vá. Um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mais falta eu mesmo, e **esta lacuna** é tudo. [...] (2006, p.14)
- (4) [...] Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu. Tive outras muitas, melhores, e piores, mas **aquela** nunca se me apagou do espírito. É o que vais entender, lendo. (2006, p.15)

Nesse segundo capítulo, Bento deixa clara a importância de Matacavalos, mas ao utilizar-se das expressões referenciais anafóricas compostas também por pronomes demonstrativos “**daquela** outra” (1) e “**aquela** vida antiga” (2), deixa evidente que apesar da reativação dos acontecimentos em sua memória, a realidade passada não mais se relaciona de forma sentimental com a atual por tudo o que vivenciou ao longo dos anos. Isso se comprovará no capítulo “Uma Pergunta Tardia” (2006, p.308), no final do livro, quando Bento diz: “*Esta casa do Engenho Novo, conquanto reproduza a de Matacavalos, apenas me lembra aquela, e mais por efeito de comparação e de reflexão que de sentimento. Já disse isso mesmo.*” (2006, p.308).

Percebe-se, também, que no trecho 2 a expressão referencial ou *anáfora por nomeação* “ **aquela vida antiga**” encapsula o conteúdo anterior a partir de implícitos, ou seja, inferências baseadas nos elementos co-textuais: **aquela vida antiga** diz respeito à vida (vivenciada na Rua de Matacavalos) que antigamente o encantava e que, no momento da narração – em virtude de tudo por que passou –, não o encanta mais.

Ainda no trecho (2) ,o *encapsulamento anafórico* **esta monotonia** contribui para criar um efeito de sentido interessante na passagem, haja vista que, ao escolher o nome-núcleo **monotonia**, o narrador evidencia que escreve o livro com o

propósito de fugir da rotina que já o cansou. Desse modo, a escolha lexical do narrador aponta para algumas de suas intenções discursivas e fica claro para o leitor que aquele não é o verdadeiro motivo de ter iniciado o livro, haja vista o empenho dele em querer relembrar fatos determinantes da sua atual situação por meio da narrativa intrigante que constrói.

Outro efeito relevante dá-se por meio do uso de uma *anáfora associativa* (como um processo de retomada) com a palavra **fisionomia** (3), utilizada para recuperar *rostos*, haja vista que fisionomia é um componente desse vocábulo e, por isso, faz-lhe alusão. Logo o leitor, a partir dessa escolha lexical proposital do narrador, compreende que as experiências de vida do viúvo, apesar de não terem modificado seu rosto, alteraram sua percepção de mundo (impressa em sua fisionomia).

Nesse mesmo trecho, Bento afirma que faltar pessoas era algo contornável, mas havia a ausência dele mesmo (ele não se reconhecia mais na casa de Matacavalos e a descrição que fará da casa num dos últimos capítulos foi propositalmente feita para convencer o leitor de tal fato) e isso é *encapsulado* e *rotulado* pela expressão referencial **esta lacuna**. Nota-se por essa escolha lexical que Bento quer demonstrar que vive um vazio que tenta preencher relembrando sua vida para, talvez, reencontrar-se consigo mesmo.

Além disso, Bento Santiago chama a atenção do leitor quando, por meio de uma *retomada*, em **aquela (tarde de novembro)**, imprime-lhe o sentido de que a tarde de novembro a que ele faz referência é diferente de todas as outras já por ele vivenciadas. Ou seja, esse recurso provoca o efeito semântico de exclusividade à tarde a que ele se refere e isso acaba sendo utilizado pelo narrador para atrair a atenção do leitor para a narrativa de suas memórias – primeiramente, um retorno à tarde em que ele fica sabendo que irá para o seminário. Lido isso, o leitor envolve-se com seu flashback e dá início à submissão ao projeto de dizer (KOCH,2004) do narrador.

Nota-se, então, por meio desses dois primeiros capítulos, que Bento Santiago conduzirá a narrativa guiado, exclusivamente, por um querer-dizer que tem por

objetivo, além de um relato de memórias, um relato de um tempo que – por vários motivos – o transformou na pessoa ensimesmada que é.

Depois disso e da leitura de toda a retomada de sua vida via flashback, o discurso de Bento viúvo – no tempo da narração – reaparece em três capítulos pertencentes ao final do livro: “Uma Pergunta Tardia” (2006, p.308), “A Exposição Retrospectiva” (2006, p.314) e “E bem, E o Resto?” (2006, p.315). Nesses três capítulos a intenção do narrador é: acrescentar informações novas às iniciais em “Uma Pergunta Tardia” e algumas outras em “A Exposição Retrospectiva” e “E bem, E o Resto?”.

No que diz respeito ao capítulo “Uma Pergunta Tardia” (2006, p.308), Bento afirma o seguinte sobre a casa de Matacavalos, referida nos capítulos iniciais:

Hão de perguntar-me por que razão, tendo a própria casa velha, na mesma rua antiga, não impedi que a demolissem e vim reproduzi-la nesta. A pergunta devia ser feita a princípio, mas aqui vai a resposta. A razão é que , logo que minha mãe morreu, querendo ir para lá, fiz primeiro uma longa visita de inspeção por alguns dias , e toda a casa me desconheceu. **No quintal a aroeira e a pitangueira, o poço, a caçamba velha e o lavadouro** nada sabiam de mim. **A causarina** era a mesma que eu deixara ao fundo, mas o tronco, em vez de reto, como outrora, tinha agora um ar de ponto de interrogação; naturalmente pasmava do intruso. Corri os olhos pelo ar, buscando algum pensamento que ali deixasse, e não achei nenhum. Ao contrário, **a ramagem** começou a sussurrar alguma coisa que não entendi logo, e parece que era a **catanga das manhãs novas**. Ao pé dessa música sonora e jovial, ouvi também **o grunhir dos porcos**, espécie de troça concentrada e filosófica.

**Tudo** me era **estranho e adverso**. Deixei que demolissem a casa, e, mais tarde, quando vim para o Engenho Novo, lembrou-me fazer esta reprodução por explicações que dei ao arquiteto segundo contei em tempo.(2006, p. 308-309)

Neste trecho, notamos que o narrador utiliza-se da estratégia da *ativação ancorada*, mais precisamente da *anáfora associativa*, quando – para retomar a imagem da casa de Matacavalos – ele se vale da metonímia, apontando partes importantes para ele daquele cenário (aroeira, pitangueira, poço, caçamba, causarina, ramagem, etc.) no qual ele cresceu. Mas essa retomada da casa não

aparece destituída de valores. Eles estão implícitos e é necessário que o leitor estabeleça a referência a partir de relações interpretativas entre o referente e as expressões referenciais, que foram selecionadas pelo narrador no intuito de mostrar ao leitor que aquilo tudo não o reconhecia.

Na verdade, o que o leitor conclui por meio das escolhas lexicais do narrador é que Bento não se reconhecia mais naquele lugar, pois aqueles elementos passaram a povoar uma realidade que não mais lhe pertencia, em virtude da vida tumultuada pela qual havia passado. O que se nota, então, é a intenção de – por meio de uma seleção lexical cuidadosa – mostrar que aqueles lugares que na época lhe eram expressivos, no momento da narração, não mais o são.

Após isso, Bento vale-se da estratégia do *encapsulamento* e utiliza-se de uma *anáfora lexical* para mostrar, por meio do pronome **tudo**, a síntese do trecho precedente. Acompanhando isso, utiliza também a *rotulação prospectiva*, quando utiliza as palavras **estranho** e **adverso** para caracterizar o **tudo**. Essa escolha lexical realiza função predicativa e ratifica a perspectiva de Bento Santiago de que ele não mais pertencia àquele lugar, tampouco se reconhecia nele. Enfim, o Bento do tempo da narração era totalmente diferente do Bento do tempo da narrativa.

Os dois últimos capítulos (“A Exposição Retrospectiva” e “E Bem, e o Resto?”) encerram o discurso de Bento Santiago feito no momento da narração. Neles, o narrador retoma algumas questões a que se referiu no começo da história e tece algumas ideias acerca de sua atual situação de solidão e também de Capitu.

Já sabes que a minha alma, por mais **lacerada** que tenha sido, não ficou aí para um canto como uma flor lívida e solitária. Não lhe dei essa cor ou descor. Vivi o melhor que pude, sem me faltarem **amigas** que me consolassem da **primeira. Caprichos de pouca dura**, é verdade. Elas é que me deixavam como pessoas que assistem a uma exposição retrospectiva, e, ou se fartam de vê-la, ou a luz da sala esmorece. [...] (2006, p.314)

Em “A Exposição Retrospectiva” (2006, P.314), Bento inicialmente, utilizando-se da *rotulação retrospectiva*, avalia o nome nuclear **alma** por meio do vocábulo

**lacerada**. Projeta, nisso, a orientação de que escreveu o livro com a alma destruída, rasgada, o que certamente o influenciou nas escolhas lexicais em seu discurso.

Depois disso, refere-se às mulheres que o fizeram, momentaneamente, menos solitário. Nessa parte, as escolhas lexicais do narrador foram feitas para exaltar a discrepância entre elas e Capitu, pois no capítulo seguinte “E Bem, e o Resto?” (2006, p. 315), ele faz referências à esposa finada, antes de terminar a história.

Nesse trecho, Bento introduz a palavra **amigas** para fazer referência a essas pessoas que o consolaram. Por meio de uma *rotulação prospectiva*, ele nomeia uma enunciação posterior do co-texto e antecipa a expectativa do leitor de saber quem eram elas. Valendo-se dessa escolha, o narrador quer transmitir ao leitor que atribui a essas pessoas um caráter apenas de “amizade”, pouco duradoura, e nada mais que isso.

No capítulo “E Bem, e o Resto?” (2006, p.315), o narrador retoma essas mesmas mulheres, utilizando a estratégia do *encapsulamento anafórico*.

Agora por que é que nenhuma **dessas caprichosas** me fez esquecer **a primeira amada do meu coração** ? Talvez porque nenhuma tinha os **olhos de ressaca**, nem **os de cigana oblíqua e dissimulada**. Mas não é este propriamente o resto do livro. Mas não é este propriamente o resto do livro. O resto é saber se a Capitu **da praia da Glória** já estava dentro **da de Matacavalos**, ou se **esta** foi mudada **naquela** por efeito de algum caso incidente. [...] Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu **menina**, hás de reconhecer que **uma** estava dentro da **outra**, como a fruta dentro da casca. (2006, p.315)

Ao usar a expressão referencial **dessas caprichosas**, ele avalia, ironicamente, aquelas que lhe faziam companhia por um momento, depois desapareciam e nunca mais o procuravam – era um capricho delas a questão de não mais o procurar, segundo ele. Fica, assim, claro ao leitor que a *rotulação retrospectiva* contribuiu de forma significativa para a caracterização dessas personagens.

Depois disso, o narrador questiona por que nenhuma delas o fez esquecer a **primeira amada de seu coração**. Esta *rotulação prospectiva* foi feita com o efeito de preparar o leitor para as próximas afirmações que se farão sobre Capitu, seu primeiro amor. Ou seja, ele ativa de forma ancorada a figura da personagem na memória discursiva do leitor dessa maneira. E, reativada a figura da personagem, por meio de uma *anáfora associativa*, ele faz referência a ela valendo-se, metonimicamente, de duas expressões que a marcaram durante a história: **olhos de ressaca** e **olhos de cigana oblíqua e dissimulada**. Ele usa essas expressões para justificar e convencer o leitor acerca do motivo pelo qual nenhuma daquelas mulheres apagou de sua memória a figura da esposa: nenhuma delas possuía o olhar de Capitu.

Por fim, ele rotula Capitu utilizando-se das expressões **da praia da Glória e de Matacavalos**, retomando a figura dela menina e mulher. Sua intenção com essas escolhas lexicais é finalizar seu projeto de dizer, em que – lacerado ainda pelo ciúme e desiludido com a vida – resume-se em apontar, por meio da *retomada* pelo artigo *uma* e o pronome *outra*, a ideia de que Capitu, desde pequena, já se apresentava como a Capitu mulher. Ou seja, sua personalidade capaz de enganar os outros já fazia parte dela desde os tempos pueris.

E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a **minha primeira amiga** e o **meu maior amigo**, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve! Vamos à *História dos Subúrbios*. (2006, p.315)

Desse modo, para finalizar a narrativa, ele retoma a figura de Capitu e Escobar por meio das expressões **a minha primeira amiga** e **o meu maior amigo**, por *anáfora indireta* que ativa na memória discursiva do leitor a figura da esposa e de Escobar, respectivamente, demonstrando – de modo ainda irônico (“*tão extremosos ambos e tão queridos também*”) - o grau de importância (*primeira amiga*) e afetividade (*maior amigo*) que nutria pelos dois. O objetivo disso foi fazer com que o leitor se lembrasse pela última vez do casal para que ele fizesse a derradeira

afirmação, a conclusiva, do resto da história: *“quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve! Vamos à História dos subúrbios.”* (2006, p.315).

Nota-se, então, a partir da análise do discurso de Bento Santiago no tempo da narração, que o narrador inicia suas memórias tentando convencer o leitor de que, por meio de suas escolhas lexicais, o homem do Engenho Novo não se reconhecia mais no menino de Matacavalos e termina-as, afirmando que fora enganado pela mulher, que fora sua primeira amiga e seu primeiro amor, e por seu maior amigo. Ele deixa clara, portanto, para o leitor, a figura de um narrador velho, solitário, frustrado e infeliz que, influenciado por essas características, tece suas memórias com a finalidade não de *“atar as duas pontas da vida”*, como ele mesmo diz, mas de tentar preencher qualquer lacuna que, porventura, tivesse sido esquecida durante todos aqueles anos.

### 3.2 SEGUNDA FASE: A REFERENCIAÇÃO NO TEMPO DA NARRATIVA (A HISTÓRIA DE BENTINHO)

Do momento da narração, passemos agora para o momento da narrativa, em que Bento Santiago faz alusão à sua infância, adolescência e juventude. A recuperação desses momentos na memória do narrador trazem consigo marcas de uma época de pureza, ingenuidade e felicidade.

Ele passa a contar para o leitor acontecimentos marcantes de sua infância, desde a época em que soube que iria para o seminário até a época em que se casa com Capitu. Nesse ínterim, para compor a imagem de sua amada e a sua própria, bem como para compor a maneira como se sucederam os fatos, o narrador se utiliza das expressões nominais referenciais a fim de concretizar seus propósitos discursivos.

Partindo dessas informações, esta segunda parte da análise objetiva mostrar de que maneira as escolhas das expressões nominais referenciais no discurso de Bento contribuem para que seja delineado um perfil da personagem que mais se destaca nessa trama: Capitu. Além disso, é necessário apontar algumas escolhas que delineiam o perfil do próprio narrador na infância, porque isso ajudará a entender as escolhas lexicais de seu discurso.

Inicia-se, então, esta segunda parte pelo capítulo “A denúncia” (2006, p.16). A lembrança mais importante do narrador data de novembro de 1857: ao entrar na sala de visitas, Bentinho ouve uma conversa comprometedora, pois o agregado José Dias alerta D. Glória (mãe de Bento) sobre a necessidade de colocar o menino logo no seminário, antes que se tornasse tarde demais para o cumprimento de sua promessa. Alude ao possível interesse da família de Capitu, vizinhos de casa, em casá-la com o menino. Tio Cosme e Tia Justina dão palpites e D. Glória chora, talvez arrependida da promessa. O agregado, após isso, desculpa-se.

A partir desse breve resumo do enredo, o que mais interessa a este estudo nesse capítulo é a inserção da figura que irá mudar por completo a vida de Bentinho:

Capitu. Para compor seu primeiro retrato, o narrador vale-se de expressões nominais referenciais utilizadas por outros personagens, como José Dias:

(4) - Há algum tempo estou para lhe dizer isto, mas não me atrevia. Não me parece bonito que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com **a filha do Tartaruga**, e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los. (2006, p. 16)

(5) - É um modo de falar. Em segredinhos, sempre juntos. Bentinho quase que não sai de lá. **A pequena é uma desmiolada**; o pai faz que não vê; tomara ele que as coisas corresse de maneira que ... Compreendo o seu gesto; a senhora não crê em tais cálculos, parece-lhe que todos têm a alma cândida... (2006, p.17)

Nestes dois trechos, o narrador vale-se das *catáforas* (movimento de prospecção) **a filha do Tartaruga** (4), **a pequena** (5) para antecipar um elemento ou uma informação sobre o referente que ainda não está marcado no co-texto nem na memória semântica, pois o referente ainda não possui *endereço cognitivo* (KOCH, 2003). O elemento cataforizante **a pequena** é acompanhado da *rotulação uma desmiolada* (5) que prepara o leitor para começar a delinear, junto com o narrador, o perfil de Capitu. Esta, como referente, será introduzida, então, numa das falas de Dona Glória, em observação que faz a José Dias:

(6) – Mas, Sr. José Dias, tenho visto **os pequenos** brincando, e nunca vi nada que faça desconfiar. Basta a idade; Bentinho mal tem quinze anos. **Capitu** fez quatorze semana passada; são **dois crianças**. (2006, 17)

Além da inserção do referente **Capitu**, o narrador preocupa-se em marcar no discurso de Dona Glória a questão da imaturidade dele e da menina. Ao utilizar-se das *rotulações retrospectivas* **os pequenos** e **dois crianças** (expressões formadas basicamente por determinantes definidos e nomes-núcleo), ele marca no discurso da mãe a fase em que ele se encontra no tempo da narrativa: a da ingenuidade pueril. Logo, segundo Koch (2004), a rotulação orienta o leitor no

sentido de determinadas conclusões, neste caso, a de que toda visão transmitida nessa fase da história será guiada pela inocência tanto de Bento quanto de Capitu.

A partir disso, o narrador começa a delinear o início de uma bonita história de amor que começa na infância e que, segundo seu amigo tenor Marcolini no capítulo “A Ópera” (2006, p. 28), constitui o início do *duo terníssimo* de uma ópera: período de sua vida que compreende seu relacionamento com Capitu.

No capítulo “Na Varanda” (2006, p.35), Bento conta sobre o momento em que toma plena consciência de seu amor por Capitu. É neste capítulo que ele deixa claro o quanto ela é mais bonita e mais criativa que ele e demonstra como, na época da narrativa, ele enxergava o relacionamento dos dois.

- (7) Com que então eu amava Capitu, e Capitu a mim? Realmente, andava cosido às saias dela, mas não me ocorria nada entre nós que fosse deveras secreto. Antes dela ir para o colégio, eram tudo **travessuras de criança**; depois que saiu do colégio, é certo que não restabelecemos logo a **antiga intimidade**, mas esta voltou pouco a pouco, e no último ano era **completa**. [...] (2006, p. 36)
- (8) Se falava nela, em minha casa, prestava mais atenção que dantes, e, segundo era louvor ou crítica, assim me trazia gosto ou desgosto mais intensos que outrora, quando éramos somente **companheiros de travessuras**. [...] (2006, p. 37)

Ao utilizar-se de **travessuras de criança**, por meio de um *processo anafórico indireto*, Bento sagazmente mostra ao leitor que as primeiras ocorrências afetivas entre os dois não passaram de brincadeiras pueris. Mesmo porque se utiliza do rótulo **travessuras**, pertencente ao campo semântico infantil, para orientar o leitor a pensar na ingenuidade de suas atitudes.

Logo depois, vale-se da expressão nominal referencial **a antiga intimidade**, formada basicamente por um determinante definido, um modificador e um nome-núcleo, que demonstram que a visão passada agora ao leitor é, propositalmente, a do Bento que escreve, já que, de forma *rotulada*, demonstra uma maneira mais madura de se entenderem aquelas brincadeiras.

Brincadeiras essas que, depois que saíram do colégio, transformaram-se numa intimidade **completa**, como ele mesmo, de forma retrospectiva, *rotula*. O que se percebe aqui é que a intenção primeira de Bento é a de que o leitor internalize características marcantes de uma fase, infância, que é determinante no comportamento de qualquer pessoa – visão essa que ele demonstrará, no último capítulo, ao fazer referência à personalidade da Capitu menina e da Capitu mulher.

No final do capítulo, Bento nos oferece mais indícios do seu total apego por Capitu, demonstrando amá-la mais que tudo, estratégia para delineá-lo como um homem muito apaixonado, desde garoto:

- (9) Eu amava Capitu! Capitu amava-me! E as minhas pernas andavam, desandavam, estacavam, trêmulas e crentes de abarcar o mundo. **Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência** a si própria, nunca mais me esqueceu, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie. Naturalmente por ser minha. Naturalmente também por ser **a primeira**. (2006, p. 37)

Naturalmente, ao *encapsular* os sintomas provocados por essa paixão pueril por Capitu, o narrador vale-se das expressões **primeiro palpitar da seiva, essa revelação de consciência** (há aqui também uso de *nominalização* com a palavra “revelação”) e **a primeira** para revelar ao leitor, conscientemente, o ineditismo daquele turbilhão de sensações provocado por aquele amor que seria, mais tarde, o grande causador de suas aflições. Desse modo, essas expressões nominais não possuem um referente explícito marcado no texto, mas sua significação pode ser estabelecida nas relações com termos linguísticos co-textuais, caracterizando o fenômeno da *anáfora indireta* (cf. KOCH, 2003).

No capítulo, “Capitu” (2006, p. 38), o narrador faz referência ao dia em que as suas pernas levam-no até o quintal da vizinha, que se assusta e tenta esconder um rabisco no muro. Tomado de emoção, o menino de 15 anos mal consegue falar diante daquela menina de 14 anos, mas que tem o poder de encantá-lo.

(10) Quis insistir que nada, mas não achei língua. Todo eu era olhos e coração, um coração que desta vez ia sair, com certeza, pela boca fora. Não podia tirar os olhos **daquela criatura de quatorze anos**, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor, não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum, trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos. (2006, p. 39)

Ao utilizar-se da expressão **daquela criatura de quatorze anos**, Bento – por meio de *ativação ancorada* – utiliza uma *anáfora indireta*, referindo-se aos quatorze anos como uma *âncora semântica*, que faz com que o leitor relacione a tal criatura à Capitu, já mencionada no discurso de Dona Glória e José Dias anteriormente.

Ao escolher a palavra **criatura**, cria-se no leitor, propositalmente, a impressão de que ela era tão fascinante aos olhos de Bentinho que não havia outra escolha mais pertinente para nomeá-la – a ratificação disso aparece na maneira como ele, posteriormente, descreve-a: alta, forte e cheia etc. Analisa-se, assim, que ao escolher o nome-núcleo e os modificadores das expressões nominais referenciais, o narrador orienta seu interlocutor a determinadas conclusões pretendidas no seu projeto de dizer (cf. KOCH, 2003). Neste caso, ele orienta o leitor a ter a certeza de que Capitu era para ele, na juventude, muito mais do que uma simples menina, tamanha era sua fascinação por ela.

Em “Outra Voz Repentina”(2006, p.43), o narrador vale-se de uma escolha lexical de sentido inespecífico **coisas** que funciona como uma *anáfora indireta*, pois para descobrir o elemento anafórico é necessário estabelecer relações interpretativas no co-texto.

E séria, fitou em mim os olhos, convidando-me ao jogo. O susto é naturalmente sério; eu estava ainda sob a ação do que trouxe a entrada de Pádua, e não fui capaz de rir, por mais que devesse fazê-lo, para legitimar a resposta de Capitu. Esta, cansada de esperar, desviou o rosto, dizendo que eu não ria daquela vez por estar ao pé do pai. E nem assim ri. Há **coisas** que só se aprendem tarde; é mister nascer com elas para fazê-

las cedo. E melhor é naturalmente cedo que artificialmente tarde. (2006, p. 44)

Nesse caso, intencionalmente, o narrador quer que se faça a seguinte interpretação do termo: há **dissimulações** que só se aprendem tarde; é mister nascer com elas para fazê-las cedo. E melhor é naturalmente cedo que artificialmente tarde. Ou seja, ele quer que o leitor creia que Capitu já era dissimulada desde mais nova, pois essa característica era inata nela.

Essa utilização de **coisas**, de forma irônica, remete o leitor à ação anterior de Capitu, quando esta mente para o pai quando diz estarem os dois jogando o siso. É claro que para um bom conhecedor da história, isso vem à tona numa leitura mais atenta da obra, mas como o intuito deste estudo é apontar as astúcias do narrador para guiar a narrativa para a concretização de seu projeto de dizer, faz-se mais que necessário aludir a elas.

No capítulo “Um Plano” (2006, p. 49), Bento continua sua narração sobre a necessidade de se ter um plano para que ele não vá para o seminário, mas um aspecto bastante interessante nessa narrativa são as constantes alusões à personalidade de Capitu. É evidente que ele tem interesse em delinear bem essa personagem desde o início para que o leitor compreenda o desfecho de toda a história.

Naquele tempo jurava muito e rijo, pela vida e pela morte. Jurei pela hora da morte. Que a luz me faltasse na hora da morte se fosse para o seminário. Capitu não parecia crer nem descrever, não parecia sequer ouvir; era **uma figura de pau**. Quis chamá-la, sacudi-la, mas faltou-me ânimo. **Essa criatura** que brincara comigo, que pulara, dançara, creio até que dormira comigo, deixava-me agora com os braços atados e medrosos. Enfim tornou a si, mas tinha a cara lívida, e [...]. (p.49)

Nesse trecho, a expressão nominal referencial **uma figura de pau** aponta para um *rótulo* que despersonaliza Capitu ao passo que o modificador do nome-

núcleo, **de pau**, intencionalmente, marca a dureza com que a menina lida com a situação de possível perda de Bentinho.

Atrelada a essa expressão, o narrador utiliza uma outra, **essa criatura**, que se diferencia da anterior por ser constituída de um determinante demonstrativo. O uso desse determinante indica que o contexto discursivo precedente é mantido em evidência. Desse modo, Koch (2003) afirma que um dos efeitos produzidos pelo demonstrativo é o de recuperar a informação do co-texto à esquerda. Logo, **essa criatura** encapsula as informações apresentadas acerca do comportamento de Capitu, dadas anteriormente.

Ao realizar esse *encapsulamento*, o nome-núcleo da expressão funciona como *rótulo retrospectivo* que não só recupera as informações dadas, como também introduz informação nova, que funciona como novo tópico discursivo, marcando uma nova etapa discursiva: a de que ela deixava Bento de braços atados e medrosos. Ou seja, Capitu, em virtude de seus comportamento, amedronta Bentinho – o que prova ser ela, em relação à personalidade, muito mais forte que ele. Logo, toda essa construção intencional leva o leitor a crer na verdade de Bento.

Para confirmar isso, Bento tece em sua narrativa algumas outras considerações acerca de Capitu:

(11) Capitu refletia. A reflexão não era **coisa rara** nela, e conheciam-se as ocasiões pelo apertado dos olhos. [...] (p.51)

(12) – Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no pacote e ia para a Europa.

Dito isto, espreitou-me os olhos, mas creio que eles não lhe disseram nada, ou só agradeceram a boa intenção. Com efeito, o sentimento era tão amigo que eu podia escusar o extraordinário da aventura.

Como vê, Capitu, aos quatorze anos, tinha já **ideias atrevidas**, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos. Não sei se explico bem. [...] (p. 52)

(13) Assim, para não sair do desejo vago e hipotético de me mandar para a Europa, Capitu, se pudesse cumpri-lo, não me faria embarcar no pacote e fugir; estenderia uma fila de canoas daqui até lá, por onde eu, parecendo ir à fortaleza da Laje em ponte movediça, iria realmente até Bordéus, deixando

minha mãe na praia à espera. Tal era **a feição particular do caráter da minha amiga**; [...] (p.52)

No trecho 11, ao afirmar que a reflexão não era **coisa rara** em Capitu, Bento modifica o nome-núcleo **coisa** da expressão predicativa, *rotulando* a atitude da menina. Esse *rótulo* leva o leitor a crer que Capitu era bastante racional, já que afirma não ser incomum a atitude reflexiva nela.

No trecho 12, ele ratifica essa informação encapsulando o co-texto anterior ao valer-se da expressão **ideias atrevidas**, que possui um modificador (atrevidas) que funciona também como *rótulo* orientador de sua descrição em favor do estabelecimento, para o leitor, de uma Capitu extremamente racional e esperta.

A expressão **a feição particular do caráter da minha amiga** (13) introduz um referente que se ancora nas informações precedentes. Essa referência é construída a partir de relações interpretativas sobre a personalidade e comportamento de Capitu. Desse modo, expressão **feição particular** encapsula e rotula informação referente ao modo singular de pensar e agir de sua amiga, estabelecendo, assim, a ideia de que ela não se assemelhava a nenhuma outra.

Ainda sobre as descrições de Capitu no discurso de Bento, é necessário apontar certas considerações de outros personagens a respeito dela, mas que foram lembradas pelo narrador. Ou seja, por meio do discurso indireto e também do discurso direto, ele utiliza-se das vozes de outras pessoas para apresentar-nos outras visões a respeito de Capitolina.

Em “Sensações Alheias” (2006, p.60), o narrador apresenta-nos o parecer de Prima Justina sobre a moça:

(14)[...] prima Justina reteve-me alguns minutos, falando do calor e da próxima festa da Conceição, dos meus velhos oratórios, e finalmente de Capitu. Não disse mal dela; ao contrário insinuo-me que podia vir a ser **uma moça bonita**. Eu que já a achava lindíssima, bradaria que era **a mais bela criatura do mundo**, se o receio me não fizesse discreto. [...] (p. 60)

(15)[...] Ciúmes não podiam ser; entre um pirralho da minha idade e uma viúva quarentona não havia lugar para ciúmes. É certo que, após algum tempo, modificou os elogios a Capitu, e até

Ihe fez algumas críticas, disse-me que era **um pouco trêfega** e olhava por baixo. [...]

Nos dois trechos, vê-se a utilização de expressões nominais referenciais que marcam claramente o propósito discursivo do narrador. No trecho 14, a escolha da expressão **uma moça bonita**, referindo-se diretamente ao referente Capitu, cria um rótulo retrospectivo que enfatiza a observação apenas física de Prima Justina ao analisar a menina. Já no trecho 15 marca uma rotulação retrospectiva que encerra considerações acerca de sua personalidade: **um pouco trêfega**. Ou seja, o narrador deixa claro que Prima Justina aprova fisicamente Capitu, mas não necessariamente aprova sua postura, seu comportamento. Esses pareceres diferentes a respeito de uma mesma pessoa são estratégias do narrador para induzir o leitor a moldar a personagem referida da maneira como ele, o narrador, julga mais pertinente.

Além de Prima Justina, outro personagem que analisa Capitu ao longo da narrativa é José Dias. Bento utiliza-se desse perfil traçado por ele por meio de discurso direto, o que torna a caracterização mais verossímil para sua narrativa:

(16) – [...] Capitu, apesar **daqueles olhos que o Diabo lhe deu...** Você já reparou nos olhos dela? São assim de **cigana oblíqua e dissimulada**. Pois apesar deles, poderia passar, se não fosse a vaidade e a adulação. [...] (p. 65)

A caracterização dos olhos de Capitu é feita por meio de *rotulação retrospectiva*. Em primeiro momento, a escolha lexical orienta o leitor a acreditar que os olhos de Capitu eram diabólicos e, por meio de outro *rótulo* criado, **de cigana oblíqua e dissimulada**, estabelece-se a ideia de que não eram confiáveis em nenhum contexto. Nota-se aqui que, ao reproduzir a fala de um outro personagem que descreve Capitu, Bento dá seguimento ao seu projeto de dizer de forma mais verossímil, haja vista que outras pessoas julgam e caracterizam Capitu além dele.

No capítulo “Olhos de Ressaca” (2006, p. 82), Bento caracteriza o olhar de Capitu de maneira diferente da de José Dias.

(17) **Retórica dos namorados** dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. **Olhos de ressaca?** Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. [...] (p.83)

Por meio do um *rótulo prospectivo* **retórica dos namorados**, Bento antecipa uma informação nova sobre os olhos de Capitu. Afirma que foi a imagem mais pertinente que encontrou para descrevê-los. Além disso, vale-se de outro *rótulo prospectivo* **olhos de ressaca** para descrever mais uma impressão sua acerca de Capitu: aquela que possuía olhos que tragavam, arrastavam para dentro quem se aventurasse a mirá-los. Logo, nota-se aqui, que a escolha dos rótulos aponta para uma certa orientação semântica particular do narrador, já que apontam para um ponto de vista específico dele acerca do objeto descrito.

Em “Sou Homem!” (2006, p.87), Bento narra os acontecimentos após beijar Capitu. Interessante é notar o quão isso foi importante para ele na época da adolescência e isso é marcado nas escolhas lexicais que faz ao longo da narrativa:

(18) Corri ao meu quarto, peguei os livros, mas não passei à sala da lição; sentei-me na cama, recordando o penteado e **o resto**. Tinha estremeções, tinha uns esquecimentos em que perdia a consciência de mim e das coisas que me rodeavam, para viver não sei onde nem como. E tornava a mim, e via a cama, as paredes, os livros, o chão, ouvia algum som de fora, vago, próximo ou remoto, e logo perdia tudo para sentir somente **os beijos de Capitu**. Sentia-os estirados, embaixo dos meus, igualmente esticados para os dela, e unindo-se uns aos outros. De repente, sem querer, sem pensar, saiu-me da boca **esta palavra de orgulho**:  
— Sou homem!

A expressão nominal referencial **os beijos de Capitu**, por *anáfora associativa*, remete a informações do contexto precedente – no caso o beijo que Capitu e Bentinho trocaram. Metonimicamente, o narrador escolhe a palavra **beijo** para fazer referência ao ósculo dado em Capitu, mas essa escolha não é isenta de intenção, já que chama a atenção do leitor para questão de que aquela parte do corpo de Capitu, naquele momento, tirava sua concentração de qualquer outra atividade.

Além disso, por meio de um movimento referencial prospectivo (*catáfora*), Bento utiliza-se da expressão nominal referencial **esta palavra de orgulho** com a intenção de marcar para o leitor a importância daquele acontecimento (o beijo) em sua vida: mais do que uma demonstração de carinho e afeto entre duas pessoas que se gostam, aquele beijo simbolizou para ele um rito de passagem do Bentinho (menino) para o Bento (homem) – do inexperiente garoto para o experiente homem (afirmação de sua sexualidade).

No capítulo “Juramento do poço” (2006, p.118), Capitu e Bentinho fazem um juramento: hão de se casar um com o outro haja o que houver.

(19)Compreendeis a diferença, era mais que a eleição do cônjuge, era **a afirmação do matrimônio**. A cabeça da minha amiga sabia pensar claro e depressa. Realmente a fórmula anterior era limitada, apenas exclusiva. Podíamos acabar solteirões, como o sol e a lua, sem mentir ao juramento do poço. **Esta fórmula** era melhor e tinha a vantagem de me fortalecer o coração contra a investidura eclesiástica.[...] (p.119)

Valendo-se de um processo de *anáfora por nomeação*, há no trecho 19 um encapsulamento em **a afirmação do matrimônio**. Esta expressão nominal referencial sintetiza o trecho precedente do texto, em que o juramento de se casarem um com o outro se transforma em certeza de matrimônio. Ou seja, o narrador ao fazer essa escolha lexical deixa clara, ao leitor, a ideia de que o casamento com Capitu já era uma certeza para os dois.

Além disso, no mesmo trecho, ele *rotula* o juramento como uma *receita* capaz de fortalecê-lo nos momentos de fraqueza dentro do seminário.

Em “Uma Ponta de Iago” (2006, p. 151), Bento é acometido pelo ciúme em relação à Capitu pela primeira vez, depois que José Dias diz a ele que enquanto estava no seminário, ela andava alegre com algum peralta da vizinhança. Nota-se a partir daí que as escolhas lexicais do narrador acompanham esse sentimento:

(20)[...] e depois outra ideia. Outra ideia não – um **sentimento cruel e desconhecido**, o puro ciúme, **leitor das minhas entranhas**. Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de José Dias: “Algum peralta da vizinhança”. Em verdade, nunca pensara em tal desastre. Vivia tão nela, dela e para ela, que a intervenção de um peralta era como uma noção sem realidade;[...] (p.149 -150)

(21)Separados um do outro pelo espaço e pelo destino, o mal parecia-me agora, não só possível, mas certo. E a alegria de Capitu confirmava **a suspeita**: se ela vivia alegre é que já namorava a outro [...] (p.150)

No trecho 20, por meio de uma *catáfora*, Bento caracteriza o sentimento do ciúme como **cruel e desconhecido**. Cruel por causar dor e desconhecido por ser inédito a ele, haja vista que Capitu fora seu primeiro amor. Depois, por meio de *rotulação retrospectiva*, ele caracteriza o ciúme e atribui a ele a qualidade de **leitor de suas entranhas**. A escolha dessa expressão nominal referencial pretende enfatizar a ação daquele sentimento em Bento e faz com que o leitor comece a ter noção de que maneira esse sentimento conduzirá os pensamentos e atitudes do narrador.

No capítulo “A dissimulação” (2006, p.155), Bento coloca o leitor em contato com uma capacidade interessante de Capitu ligada ao ato de dissimular. Para que ninguém desconfiasse do romance dos dois, Capitu resolve fingir que apoia a ordenação de Bentinho.

(21)Capitu lhe dissera: “Pois a mim quem me há de casar há de ser o padre Bentinho, eu espero que ele se ordene!”. Tio Cosme riu da graça, José Dias não dessoriu, só prima Justina é que franziu a testa, e olhou para mim interrogativamente. Eu, que

havia olhado para todos, não pude resistir ao gesto da prima, e tratei de comer. Mas comi mal, estava tão contente com **aquela grande dissimulação de Capitu** que não vi mais nada, e, logo que almocei, corri a referir-lhe a conversa e a louvar-lhe a **astúcia**. Capitu sorriu agradecida. [...] (p. 157)

O que se percebe neste trecho é que a utilização das expressões nominais referenciais **aquela grande dissimulação de Capitu** e **a astúcia** realizam uma *rotulação retrospectiva* à medida que selecionam o nome-núcleo **dissimulação** e **astúcia** para categorizar o ato de fingimento de Capitu. A escolha lexical do modificador **grande**, na primeira expressão, imprime ao nome-núcleo **dissimulação** maior força discursiva visto que aponta para uma avaliação do narrador acerca da atitude da garota. Ao selecionar esse modificador, o narrador orienta o leitor a construir a conclusão de que era ela perita na arte de fingir e enganar as pessoas.

É de conhecimento geral que a história amorosa entre Bento e Capitu é marcada por desconfianças relacionadas a um suposto adultério cometido por ela com Escobar. Sabe-se também que o narrador, ao longo da história, vai demonstrando uma postura de um homem ciumento e mostra-se com dificuldade de lidar com esse sentimento. No trecho em que Bento observa o olhar do dandy para sua amada, ele - mordido pelo ciúme - foge para dentro de casa. José Dias nota sua perturbação, mas ele consegue trancar-se no quarto, onde chora e remói a dor. Finalmente Bento aceita as explicações dela, mas Capitu impõe-lhe condições.

(22) Ia casar, disse-me com quem, com uma moça da Rua dos Bordonos. **Esta razão** quadrou-me mais que tudo, e ela o sentiu no meu gesto; nem por isso deixou de dizer que, para evitar **nova equivocação** deixaria de ir mais à janela.  
— Não! Não! Não! Não lhe peço isto! (p.180)

(23) Consentiu em tirar a promessa, mas fez outra, e foi que, à primeira suspeita da minha parte, tudo estaria dissolvido entre nós. Aceitei a ameaça e jurei que nunca a haveria de cumprir; era a **primeira suspeita** e a **última**.(p.180)

No trecho 22, o narrador – ao utilizar-se de *retomada* e *rotulação* por meio de um determinante demonstrativo *esta* e um nome-núcleo axiológico *razão* – faz alusão ao conhecimento que adquire relativo ao estado civil do dandy: ele era casado. Isso fez com que Bentinho ficasse mais tranquilo, mas não impediu que

Capitu tomasse algumas providências, como a de não mais querer ficar à janela para evitar **nova equivocação**. Esta expressão nominal referencial remete o leitor a uma possível consideração de Capitu, reproduzida por Bentinho por meio de uma *rotulação retrospectiva*. O nome-núcleo **equivocação** e o modificador **nova** são utilizados para marcar o fato de que as suspeitas levantadas por Bento não passaram de erros de interpretação atitudinal — em outras palavras, de ciúme puro.

Observando agora o trecho 23, nota-se — na expressão referencial **a ameaça** — que nome-núcleo **ameaça** *encapsula* o co-texto anterior e funciona também como rótulo axiológico que orienta o desenvolvimento do texto em favor de algo, pois o narrador escolhe, estrategicamente, um rótulo com aspecto avaliativo negativo para compor o núcleo de sua expressão nominal. Ou seja, Bento entende a colocação de Capitu de dissolver tudo entre eles, caso houvesse outra suspeita de ciúme por parte dele, como uma coação.

No mesmo trecho, ao utilizar a expressão nominal referencial **a primeira e a última suspeita**, valendo-se de um determinante definido **a** e de um nome núcleo axiológico **suspeita** juntamente com os modificadores **primeira** e **última**, o narrador, por meio de uma *anáfora indireta* leva o leitor a ativar o objeto-de-discurso ancorado nas informações do contexto discursivo anterior. Em outros termos, o determinante leva a crer que o leitor já conhece (por meio do contexto) a que suspeita ele se refere e que aquela atitude de suspeita havia sido inédita na vida dele — tão ruim que não quererá repetir.

No capítulo “Prazer das Dores Velhas” (2006, p.181), o narrador faz uma síntese dos acontecimentos narrados no capítulo anterior e remete-se a eles usando algumas expressões referenciais.

(24)Contando **aquela crise do meu amor adolescente**, sinto uma coisa que não sei se explico bem, e é que as dores **daquela quadra**, a tal ponto se espiritualizaram com o tempo, que chegam a diluir-se no prazer. Não é claro isto, mas nem tudo é claro na vida ou nos livros. **A verdade** é que sinto um gosto particular em referir **tal aborrecimento**, quando é certo que ele me lembra **outros** que não quisera lembrar por nada. (p. 181)

No trecho acima, quando Bento utiliza-se da expressão **aquela crise do meu amor adolescente** - o nome-núcleo **crise**, acompanhado pelo determinante demonstrativo **aquela** e o modificador **do meu amor adolescente** – faz referência e *rotula* o acesso de ciúme que tivera ao presenciar o *dandy* olhando para Capitu e achar que esta lhe correspondera. Assim, ao escolher os modificadores, deixa claro que o episódio foi resultado de uma atitude imatura.

Além disso, ao *encapsular* os acontecimentos com um *rótulo prospectivo a verdade*, ele – por meio de um nome-núcleo axiológico – confirma a veracidade de suas palavras e confessa que sente um gosto particular em referir **tal aborrecimento** (vale-se aqui de uma *anáfora indireta* que leva o leitor a ativar em sua memória o episódio do ciúme anteriormente relatado), porque ele lembra ao narrador **outros** de que não quer se lembrar.

Chama a atenção nesse mesmo trecho, também, o uso do termo **outros** (aborrecimentos), pois parece funcionar como um determinante com função de artigo (cf. KOCH, 1992), à medida que auxilia na introdução de um objeto-de-discurso novo. Nesse caso, os aborrecimentos dos quais se lembra o narrador em relação a fatos que ocorreram depois do tempo da narrativa e que serão relatados e lembrados, mais tarde, por ele.

Em “Segredo por Segredo” (2006, p. 182), Bento quer compartilhar com seu amigo Escobar algumas intimidades, já que ele era o único com quem tinha relações no seminário. Queria falar sobre Capitu, sobre suas emoções, dúvidas, queria ser ouvido.

(25)Dei duas voltas e sussurei a primeira palavra da **minha confiança** tão escassa e surda, que não a ouvi eu mesmo; sei porém que disse “**uma pessoa...**” com reticência. Uma pessoa...? Não foi preciso mais para que ele entendesse. Uma pessoa devia ser uma moça. Nem cuides que pasmou de me ver namorando; achou até natural e espetou-me outra vez os olhos. Então contei-lhe por alto o que podia, mas demoradamente pra ter o gosto de repisar o assunto. Escobar escutava com interesse; no fim **da nossa conversação**, declarou-me que era segredo enterrado em cemitério. (p. 183)

Para referir-se ao ato de trocar segredos com Escobar, Bento vale-se de duas expressões nominais referenciais: **minha confiança** e **a nossa conversa**. Esta última *nominaliza* o verbo conversar, o qual não está marcado explicitamente no co-texto, mas o leitor o recupera ao reativar sua memória com elementos do co-texto. A outra expressão *rotula de modo retrospectivo* a conversa que tiveram e ainda a recupera através do uso da *anáfora indireta*. O narrador, ao escolher o nome-núcleo **confidência**, atribui, propositalmente, ao assunto tratado pelos amigos categoria de segredo.

No capítulo “O Retrato” (2006, p.192), Gurgel — pai de Capitu — mostra a Bento um retrato de uma moça e pergunta a ele se Capitu se parece com a moça do retrato.

(26)Gurgel, voltando-se para a parede da sala, onde pendia um retrato de uma moça, perguntou-me se Capitu era parecida com o retrato.

Um dos **costumes da minha vida** foi sempre concordar com a opinião provável do meu interlocutor, desde que **a matéria** não me agrava, aborrece ou impõe. Antes de examinar se efetivamente Capitu era parecida com o retrato, fui respondendo que sim. Então ele disse que era o retrato da mulher dele, e que as pessoas que a conheceram diziam a mesma coisa. Também achava que as feições eram semelhantes, a testa principalmente e os olhos. Quanto ao gênio, era um; pareciam irmãs.

— Finalmente, até a amizade que ela tem a Sanchinha; a mãe não era mais amiga dela... Na vida há **dessas semelhanças assim esquisitas**. (p.193)

No trecho transcrito, o narrador introduz o novo referente **costumes da minha vida** para informar ao leitor que tinha por hábito concordar com o que falavam para ele. Após isso, valendo-se de uma *anáfora fiel* acompanhada de *rotulação retrospectiva*, reativa o referente *opinião* ao escolher como nome-núcleo a palavra **matéria**, no sentido de assunto, dando a entender que só concordava com a opinião do interlocutor se ela não o aborrecesse ou lhe impusesse algo. Por fim, ao utilizar a expressão referencial nominal **dessas semelhanças assim esquisitas** ele, por *anáfora indireta*, retoma a ideia de que o fato de as pessoas assemelharem-se sem que tenham parentesco é estranho – adiantando sua opinião sobre

semelhanças - , mas pode acontecer. Nesse exemplo, a escolha do modificador **esquisitas** atribui a característica de estranheza à expressão.

No capítulo “Achado que Consola” (2006, p.207), o narrador lembra a polêmica que ele e seu vizinho Manduca travaram durante uns três meses, sobre a guerra da Crimeia.

(27)É claro que as reflexões que aí deixo não foram feitas então, a caminho do seminário, mas agora no gabinete do Engenho Novo. Então, não fiz propriamente nenhuma, a não ser esta: que servi de alívio um dia ao meu vizinho Manduca. Hoje, pensando melhor, acho que não só servi de alívio, mas até lhe dei felicidade. E **o achado** consola-me; já agora não esquecerei mais que dei dois ou três meses de felicidade a **um pobre-diabo**, fazendo-lhe esquecer o mal e o resto. É **alguma coisa** na **liquidação da minha vida**. Se há no outro mundo tal ou qual prêmio para as virtudes sem intenção, esta pagará um ou dois dos meus muitos pecados. [...] (p.207)

Neste trecho, Bento chega à conclusão de que teria propiciado algum tempo de felicidade ao doente, o que lhe serviria de pagamento a uns dois ou três pecados. Ao escrever essas palavras, o narrador as *encapsula* por meio da expressão nominal referencial com derivação verbal **o achado** e leva o leitor a recuperar no contexto a ideia citada. Essa escolha lexical mostra que aquilo foi uma conclusão a que o narrador chegou muito tempo depois do ocorrido e que, de alguma forma, trouxe a ele algum benefício.

Após isso, Bento usa um *rótulo retrospectivo e avaliativo* para caracterizar, a seu ver, Manduca: **um pobre-diabo**. Essa escolha demonstra o total desprezo à figura do vizinho. E levá-lo ao esquecimento do mal da doença, por exemplo, foi **alguma coisa** na **liquidação da sua vida**: ou seja, a expressão nominal referencial **alguma coisa**, formada por um nome-núcleo de sentido inespecífico e por um determinante indefinido, demonstra que o narrador não sabe o que especificamente teria significado o que bem que fizera a Manduca. Mas sabe que isso o ajudou no pagamento de seus pecados, no trecho marcado pela expressão nominal referencial **a liquidação da minha vida**. Nesta expressão, a escolha do nome-núcleo

**liquidação** faz referência, por *anáfora indireta*, à ideia de pagamento de pecados, recuperada pelo leitor por meio de interpretações feitas a partir de elementos de base do co-texto.

No capítulo “Um Amigo Por Um Defunto” (2006, p.209), Bento faz alusão à visita que seu amigo Escobar, do seminário, fez à casa de Matacavalos, após a morte de Manduca. Há em um dos trechos uma afirmação bastante interessante a respeito dele, feita por Bento:

(28) Todos ficaram gostando dele. Eu estava tão contente como se Escobar fosse **invenção minha**. [...] (p. 209)

Ao utilizar-se da expressão nominal referencial **invenção minha**, formada por um nome-núcleo formado por *nominalização invenção* e o determinante **minha**, Bento pretende transmitir a ideia de que Escobar era tão perfeito para ele e para todos que poderia ser uma criação sua; ou seja, ele o conheceu, apresentou a todos e agora ficava feliz por saber que a aprovação dele era quase unânime, excetuando Prima Justina, que o achou “metediço” e com “olhos de policiais” (2006, p.210).

Continuando a história, Bento narra, no capítulo “O Papa” (2006, p.215) e “O Substituto” (2006, p.218) sobre o dia em que José Dias propõe a ele irem ambos a Roma, solicitar ao papa dispensa da promessa que a mãe fizera para colocá-lo no seminário. Capitu não gostou do plano, mas não tinha outro melhor. Já Escobar encontrou a solução mais prática para o problema: D. Glória passaria a custear os estudos de um órfão vocacionado, que tomaria o lugar de Bento e cumpriria a promessa dela: entregar um padre a Deus.

(29) Vi a alma aliviada de minha mãe, vi a alma feliz de Capitu, ambas em casa, e eu com elas, e ele conosco, tudo mediante uma pequena viagem a Roma, que eu só geograficamente sabia onde ficava; espiritualmente, também, a distância que estaria da vontade de Capitu é que não. Eis **o ponto essencial**. Se Capitu achasse longe, não iria; mas era preciso ouvi-la e assim também a Escobar, que me daria um bom conselho. (p.217)

Quando Bento vale-se da expressão nominal referencial **o ponto essencial**, nota-se que ele a forma com um determinante definido **o**, um nome-núcleo rotulador

**ponto** e um modificador axiológico **essencial**. Essa formação leva o leitor a compreender o porquê dessas escolhas: o nome-núcleo **ponto** retoma a ideia anterior a respeito da distância que Bento estaria da vontade de Capitu e, ao fazer isso, *rotula-o retrospectivamente*, transmitindo ao leitor o sentido de que aquilo definiria pontualmente qualquer atitude dele em relação a ir ou não a Roma. Logo, o modificador axiológico **essencial** define que a aprovação da Capitu era primordial para que Bento decidisse viajar ou não.

Esta segunda parte da análise finaliza-se com as últimas considerações acerca do último capítulo antes que se inicie o terceiro momento da narrativa: aquele em que Bento torna-se Doutor Bento Santiago de Albuquerque, advogado, marido de Capitu, pai de Ezequiel, atormentado pela incerteza de um adultério.

Em “A Saída” (2006, p. 220), Bento contava com um pouco mais de dezessete anos quando saíra do seminário. Nesse capítulo, Bento afirma que o melhor da narração ainda está para ser feita.

(30) Já esta página vale por meses, outras valerão por anos, e assim chegaremos ao fim. **Um dos sacrifícios** que faço a esta dura necessidade é a análise das minhas emoções dos dezessete anos. Se sim, deves saber que é a idade em que a metade do homem e a metade do menino formam um só curioso. Eu era curiosíssimo, diria o meu agregado José Dias, e não diria mal. O que **essa qualidade superlativa** me render não poderia nunca dizê-lo aqui, sem cair no erro que acabo de condenar; a análise das minhas emoções daquele tempo é que entrava **no meu plano**. [...] (p. 220)

No trecho, o narrador utiliza-se do *rótulo prospectivo* **um dos sacrifícios** para anunciar, a partir de um movimento *catafórico*, o quão difícil é para ele analisar suas emoções juvenis. Explica ainda o motivo disso, atribuindo a culpa dessa dificuldade à curiosidade relativa à idade. Depois, ao referir-se a essa mesma curiosidade, o narrador vale-se da expressão nominal referencial **essa qualidade superlativa**, que retoma, por meio de uma *anáfora direta* e de uma *rotulação retrospectiva*, de forma irônica e persuasiva para o leitor a ideia de que a curiosidade era um componente intenso de sua personalidade juvenil.

O que se pode notar, então, ao término da análise desta segunda parte, é que as escolhas lexicais de Bento, principalmente no que diz respeito à formação das expressões nominais referenciais, contribuíram muito para ele estabelecer uma orientação discursiva ligada diretamente a seu projeto de dizer nesse momento : estabelecer uma visão unilateral das pessoas e dos acontecimentos que povoaram e preencheram a fase da adolescência e da juventude em sua vida.

### 3.3 TERCEIRA FASE - A REFERENCIAÇÃO NO TEMPO DA NARRATIVA: A HISTÓRIA DE DR. BENTO FERNANDES SANTIAGO

Esta parte da análise terá como objetivo analisar o papel das expressões referenciais na orientação discursiva do Dr. Bento Santiago de Albuquerque: advogado, esposo de Capitu, pai de Ezequiel. Aqui o principal foco serão as desconfianças de Bento em relação à fidelidade de Capitu.

Interessante será notar de que maneira Bento, utilizando as estratégias de referenciação, opta por escolhas lexicais que definem a maneira como interpretou as situações e as atitudes das pessoas que com ele conviviam.

É sabido que aos dezessete anos, Bento tornara-se um moço lindo e bem formado – um bom partido, um rapagão. Cinco anos depois, reapareceu bacharel em Direito pela U.S.P. Escobar, com ajuda financeira de D. Glória, firmou-se no comércio, tornou-se intermediário das cartas de amor de Bento e Capitu e acabou casando-se com Sancha. Sabe-se que a amizade entre Bento e Escobar estreitava-se cada vez mais.

No capítulo “Tu Serás Feliz, Bentinho!” (2006, p.226), Bento, desarrumando as malas e o agora doutor, pensa na felicidade cada vez mais próxima. José Dias informa-lhe que todos aprovariam seu casamento com Capitu e ele cria coragem para falar com a mãe e pedir licença para casar.

(31) Não ouvi o resto. Ouvia só a voz da minha fada interior, que me repetia, mas já então sem palavras: “Tu serás feliz, Bentinho!” E a voz de Capitu me disse a mesma coisa com termos diversos, e assim também a de Escobar, os quais ambos me confirmaram a notícia de José Dias pela sua própria impressão. Enfim, minha mãe, algumas semanas depois, quando lhe fui pedir licença para casar, além do consentimento, deu-me **igual profecia**, salva a redação da própria mãe: “Tu serás feliz, meu filho!”. (p.228)

Ao utilizar-se da expressão referencial **igual profecia** no trecho transcrito, o narrador faz uma *anáfora indireta* com uma *rotulação retrospectiva* que se percebe pela escolha do nome-núcleo **profecia** e que se encontra ancorada em informações

precedentes. A escolha de Bento pela palavra **profecia** confere à expressão um estatuto místico, já que esse termo geralmente é usado para designar aquilo que se cumpre como predestinação. E era desta forma mesmo que Bento queria conceber sua relação com Capitu no momento da narrativa: predestinadamente feliz. Ainda a respeito da mesma expressão, o modificador **igual** é uma âncora semântica, já que recupera a semelhança existente entre a fala da fada invisível que “descera” no quarto de Bento para afirmar a sentença profética a primeira vez.

Em “As Pirâmides” (2006, p. 234), Bento escreve a respeito de suas estreias no foro como advogado e diz que Escobar o ajudara com a indicação a alguns conhecidos. Em um trecho desse capítulo, faz uma consideração interessante a respeito da fidelidade de Escobar à Sancha, que no momento já estavam casados.

(32)Escobar e a mulher viviam felizes, tinham uma filhinha. Em tempo ouvi falar de **uma aventura do marido, negócio de teatro**, não sei que atriz ou bailarina, mas se foi certo, não deu escândalo. Sancha era modesta, o marido trabalhador.[...] (p. 235)

É importante notar que essa informação, nesse capítulo, parece despropositada, mas nada que o narrador sugere ou afirma é isento de intenção — o que pode ser constatado a partir da escolha lexical dos nomes-núcleo das expressões. Referir-se a um caso extraconjugal como **uma aventura, negócio de teatro** mostra que a introdução do referente inédito por *ativação não- ancorada* tem o propósito de deixar a questão da traição (mesmo que não certa) em foco na memória discursiva do leitor, para que ele possa ativá-la, se for necessário, mais tarde – junto aos outros acontecimentos que serão contados por Bento ao longo da narrativa.

No capítulo “Um filho” (2006, p.243), Bento narra o episódio de sua vida em que nasce seu filho Ezequiel.

(33)As invejas morreram, as esperanças nasceram, e não tardou que viesse ao mundo **o fruto delas**. Não era escasso nem feio, como eu já pedia, mas um rapagão robusto e lindo. A minha alegria quando ele nasceu, não sei dizê-la; nunca tive igual, nem creio que a possa haver idêntica, ou que de longe ou de perto se pareça com ela. Foi **uma vertigem** e **uma loucura**. [...] (p. 243)

Bento, por *anáfora indireta*, utiliza-se da expressão referencial **o fruto delas** para fazer referência, de modo rotulado, ao filho que gostariam de ter, mencionado no parágrafo anterior. A escolha do rótulo **fruto** alude àquilo que nasce de algo, no caso aquilo que nasceu literalmente de Capitu. O modificador **delas** recupera invejas e esperanças, estabelecendo uma ligação entre o referente e o co-texto anterior.

Além disso, no final do parágrafo, o narrador *rotula retrospectivamente* o nascimento do filho Ezequiel como **uma vertigem** e **uma loucura**. A escolha dos nomes-núcleo aponta para o leitor a descrição da alegria que Bento sente com a chegada da criança: ele atribui a esse sentimento o status de alucinação. Esses rótulos, pelo contexto, diferente do que as palavras sugerem, é positivo e a intenção de usá-los foi, verdadeiramente, a de aproximar o leitor ao máximo da realidade do narrador. Naquele momento era o que ele sentia de verdade.

Ao final do capítulo, Bento explica a maneira como se deu a ideia de dar ao filho um dos nomes de Escobar.

(34)Era minha ideia que Escobar fosse padrinho do pequeno; a madrinha devia ser e seria minha mãe. Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, disse-lhe entre outros carinhos:  
— Anda, toma bênção a teu padrinho, velhaco.  
E, voltando-se para mim:  
— Não desisto do favor; e há de ser depressa o batizado, antes que a minha doença me leve de vez.  
Contei discretamente **a anedota** a Escobar, para que ele me compreendesse e desculpasse; riu-se e não se magoou. [...] Não houve remédio senão levar o menino à pia, onde se lhe deu o nome de Ezequiel; era o de Escobar, e eu quis suprir deste modo a falta de compadrio.(p. 245)

Percebe-se por meio da utilização do *rótulo retrospectivo* que o narrador faz uma alusão, de modo jocoso, à investida de Tio Cosme para batizar a criança. A escolha do nome-núcleo da expressão **anedota** deixa clara a intenção de Bento em

ridicularizar o fato de Tio Cosme oferecer-se para ser padrinho de Ezequiel, mesmo sabendo que estava na iminência da morte.

Ainda dedicando parte da narrativa a Ezequiel, Bento faz, em “Rasgos da Infância” (2006, p.247), descrições do filho que aludem à mãe, Capitu.

(35) Ri-me do engano e expliquei-lhe que não era o soldado que se tinha pintado no papel, mas o gravador, e tive de explicar também o que era gravador e o que era gravura: **as curiosidades de Capitu**, em suma. (p. 249)

A expressão nominal referencial **as curiosidades de Capitu**, por meio de *anáfora indireta* e *encapsulamento*, levam o leitor a ativar relações de sentido entre o nome-núcleo **curiosidades** e o modificador **de Capitu** com as descrições que Bento fazia da Capitu nos tempos de menina em sua memória discursiva.

Continuando a escrever sobre Ezequiel, no capítulo “As Imitações de Ezequiel” (2006, p.252), Bento externaliza sua opinião a respeito das imitações que o filho é acostumado a fazer.

(36)— Sim, não sairá maricas, repliquei, eu só lhe descubro **um defeitozinho**, gosta de imitar os outros. (p. 252)

O *rótulo prospectivo* **um defeitozinho** evidencia, por meio da escolha axiológica do nome-núcleo **defeito** — seguida sufixo formador de diminutivo (-inho) que lhe intensifica o caráter negativo de sentido, o posicionamento crítico em relação ao comportamento do filho: imitar as pessoas era uma atitude que ele desaprovava.

Desfoque-se Ezequiel da narrativa para focar o relacionamento de Capitu e Bento. Certa feita, o narrador conta ao leitor sobre um chá que toma com Escobar para falarem a respeito dos embargos. Bento acha o amigo estranho, mas ao conversar sobre isso com Capitu, esta lhe dissipa as cismas.

(37) Quando ele saiu, referi as minhas dúvidas a Capitu; ela as desfez com a arte fina que possuía, um jeito, uma graça toda sua capaz de dissipar as mesmas tristezas de Olímpio.  
— Seria o negócio dos embargos, concluiu; e ele que veio até aqui, a esta hora, é que está impressionado com a demanda.

— Tens razão.

Palavra puxa palavra , falei de outras dúvidas. Eu era então um poço delas; coaxavam dentro de mim, como verdadeiras rãs, a ponto de me tirarem o sono algumas vezes. Disse-lhe que começava a achar minha mãe um tanto fria e arredia com ela. Pois aqui mesmo valeu **a arte fina de Capitu!** (p.259)

A expressão nominal referencial **a arte fina de Capitu** é uma *anáfora direta*, que recupera a citação e explicação dela feita anteriormente no texto. A reativação desse referente ocorreu para, de forma irônica, demonstrar as astúcias de Capitu para se desviar de assuntos sobre os quais não queria falar. Nesse trecho, Bento deixa claro por meio de suas escolhas lexicais que a amada dispunha de estratégias bem elaboradas, por isso rotula suas atitudes por meio do nome-núcleo **arte** e do modificador **fina**, para fugir de questionamentos desnecessários a seu ver.

No capítulo “A Mão de Sancha” (2006, p. 264), Bento narra um fato de uma noite em que, após o jantar na casa dos amigos, Bento e Sancha conversam à janela. Trocam olhares quentes e apertos de mão e há um forte apelo erótico no clima e na despedida de ambos, o que chega a tirar o sono de Bentinho, na tentativa de achar explicação para os fatos.

(38)Tudo acaba, leitor; é um **velho truísmo**, a que se pode acrescentar que nem tudo o que dura dura muito tempo. Esta segunda parte não acha crentes fáceis, ao contrário, a ideia de que um castelo de vento dura mais que o mesmo vento de que é feito, dificilmente se despegará da cabeça, e é bom que seja assim, para que não se perca o costume daquelas construções quase eternas.

**O nosso castelo** era sólido, mas um domingo... [...] (p.264)

No trecho transcrito, Bento, valendo-se de uma *rotulação retrospectiva* , escolhe intencionalmente o nome-núcleo **truísmo** juntamente com o modificador axiológico **velho** para transmitir a ideia de que a afirmação anteriormente dita não passava de uma obviedade. Faz isso para preparar o leitor para uma constatação que fará sobre o relacionamento entre Capitu e ele. Ou seja, nem tudo dura para sempre e devemos estar atentos a isso na vida.

Para retomar a ideia de que um castelo de vento dura mais que o mesmo vento de que é feito e de que isso é difícil de se desapegar da cabeça, o narrador utiliza-se da expressão nominal referencial **o nosso castelo**, valendo-se de um *anáfora indireta*, já que leva o leitor a buscar interpretação para a tal expressão, estabelecendo relações semânticas entre elementos do co-texto e do contexto discursivo. Ao fazer isso, prepara-o para uma mudança de situação em relação ao seu relacionamento com Capitu, que era sólido, mas que por algum motivo deixara de ser.

Pelo enredo, sabe-se que Bento sente-se atraído por Sancha e fica numa situação para ele inédita. Trocam olhares que não “convidavam a expansões fraternais, pois pareciam quentes e intimativos, diziam outra coisa” (2006, p.265).

(39)E assim posto entrei a cavar na memória se alguma vez olhara para ela com **a mesma expressão** e fiquei incerto. Tive **uma certeza** só, é que um dia pensei nela, como se pensa na bela desconhecida que passa; mas então dar-se-ia que ela adivinhando... Talvez **o simples pensamento** me transluzisse cá fora, e ela me fugisse outrora irritada ou acanhada, e agora por **um movimento invencível** ... Invencível; esta palavra foi como uma bênção de padre à missa, que a gente recebe e repete a si mesma. (p. 265)

Ao utilizar a expressão nominal referencial **a mesma expressão**, o narrador recupera, no co-texto, por *anáfora indireta*, a expressão facial de Sancha que olhava para ele com olhar nem um pouco fraternal. Depois, ele afirma que teve **uma certeza**, a de que um dia pensou nela como se pensa numa bela desconhecida que passa. Ou seja, por meio de *rotulação prospectiva*, Bento faz o leitor acreditar que olhara para Sancha certa feita como um homem olha para qualquer mulher bela que passa, mais por instinto que por interesse.

Depois, por *anáfora por nomeação*, ele retoma e depois rotula como **um simples pensamento** a ideia de pensar em Sancha, levando o leitor a entender que trazê-la à mente outrora a fizera se esquivar e que, naquele momento, isso não aconteceria em virtude de **um movimento invencível**. Esta *rotulação prospectiva*, formada por um modificador axiológico de força, faz com que o leitor acredite que

naquele momento a atração entre os dois não poderia ser esquivada ou ignorada, tamanha a força que desempenhava entre os dois. Ele era passível de traição – mas não deu importância a esse fato - , pois também se interessou por Sancha de outra maneira.

Ainda nessa mesma situação, Escobar chega para conversar com Bento e pede para que ele apalpe seu braço para sentir-lhe a rigidez.

(40)Apalpei-lhe os braços, como se fossem de Sancha. Custa-me **esta confissão**, mas não posso suprimi-la; era jarretar **a verdade**. Não só os apalpei com esta ideia, mas ainda senti outra coisa: achei-os mais grossos e fortes que os meus, e tive-lhes inveja; acresce que sabiam nadar. (p. 265)

Neste trecho, por meio de *encapsulamento*, Bento avalia o evento como uma confissão, algo que não deve ser escondido. A escolha do nome-núcleo dessa expressão aponta para uma seleção lexical que remete o leitor à ideia de que o narrador não esconde **a verdade**, como ele mesmo rotula o referente.

Mais adiante, Bento continua a fazer menção ao flerte com Sancha e traduz ao leitor, por meio de outras expressões, o que aquilo significara a ele.

(41)Não havia meio de esquecer inteiramente a mão de Sancha nem os olhos que trocamos. Agora achava-lhes isto, agora aquilo. **Os instantes do diabo** intercalavam-se **nos minutos de Deus** e o relógio foi assim marcando alternativamente a **minha perdição** e a **minha salvação**. (p. 266)

Quando Bento utiliza as expressões referenciais **os instantes do diabo** e **minha perdição**, por meio de *anáfora indireta*, ele leva o leitor a estabelecer relações de sentido entre elas. Ou seja, ambas recuperam o referente do desejo de Bento por Sancha, ao mesmo tempo em que se associam – por meio da escolha

intencional do modificador **do diabo** na primeira expressão e do nome-núcleo **perdição** na segunda - ao transmitirem valor negativo à situação. Do mesmo modo, ele se utiliza das expressões **os minutos de Deus** e **minha salvação**, que se associam ao transmitirem valor positivo à situação de total negação do desejo, referente recuperado por elas. Ele oscilava entre o que era certo e o que era errado.

Continuando a história, Bento narra o episódio da morte de Escobar.

(42)A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas... (p.273)

(43)Compara tu a situação de Príamo com a minha; eu acabava de louvar as virtudes **do homem** que recebera defunto **aqueles olhos** ... (p.276)

A passagem transcrita (42) é uma das mais conhecidas do romance pelo fato de que Bento desconfia, enciumado, da maneira como Capitu olha para o defunto de Escobar. Aqui, as escolhas lexicais dele traduzem a maneira singular com que, no momento da narrativa, interpretou as ações da amada. Para se entender o processo da referenciação no trecho (43), fez-se necessário transcrever o trecho (42). Desse modo, quando Bento se refere a Escobar como **o homem**, não mais como meu amigo – maneira com a qual aludia ao nadador em muitas passagens do texto -, deixa claro ao leitor que o que passara a nutrir por ele, naquele momento, por causa das desconfianças, era mera indiferença. A estratégia da *anáfora indireta* utilizada pelo narrador leva o leitor a buscar como referente o Escobar traidor, não mais o Escobar cúmplice e companheiro.

Além disso, ele afirma que acabara de louvar as virtudes do homem que recebera, depois de morto, **aqueles olhos**. Aqui, a expressão referencial nominal alude, de maneira irônica, à passagem do trecho (42). Essa *anáfora associativa* faz com que o leitor recupere a maneira tão apaixonadamente fixa que Bento disse ter usado Capitu para olhar Escobar. Nota-se que a utilização do determinante demonstrativo é responsável por retomar não só o episódio, mas principalmente o modo de olhar intenso que, segundo Bento, Capitu lança a Escobar.

A cisma de Bento continua por outros capítulos. Em “Cismando” (2006, p.277), Bento ainda tece algumas considerações acerca do ocorrido no enterro de Escobar.

(44)A razão disto era acabar de cismar, e escolher **uma resolução** que fosse adequada ao momento. O carro andaria mais depressa que as pernas; estas iriam pausadas ou não, podiam afrouxar o passo, parar, arrepiar caminho, e deixar que a cabeça cismasse à vontade. Fui andando e cismando. Tinha já comparado o gesto de Sancha na véspera e o desespero daquele dia; eram inconciliáveis. A viúva era realmente amantíssima. Assim se desvaneceu de toda **a ilusão da minha vaidade**. Não seria **o mesmo caso** de Capitu? Cuidei de recompor-lhe os olhos, a posição em que a vi, o ajuntamento de pessoas que devia naturalmente impor-lhe **a dissimulação**, se houvesse algo que dissimular. [...] Agora, porém, raciocinava e evocava claro e bem. Concluí de mim para mim que era a antiga paixão que me ofuscava ainda e me fazia desvairar como sempre. (p.278)

O que se nota neste trecho é que Bento procura a todo momento encontrar explicação para suas cismas. Como a própria expressão nominal referencial **uma resolução** aponta, ele queria uma resposta para toda aquela situação formada em sua cabeça. Por meio do *encapsulamento*, o nome-núcleo **resolução** sintetiza todas as tentativas de explicação levantadas anteriormente no co-texto.

No mesmo trecho, ao escolher como nome-núcleo a palavra **ilusão** e como modificador a palavra núcleo da locução **vaidade**, o narrador atribui valor negativo ao fato de ter se sentido envaidecido pelo flerte com Sancha. O desespero desta com a morte do marido demonstrou a ele que ela amava deveras o defunto; logo, o que havia se passado entre eles nada havia significado.

A partir disso, Bento utiliza a expressão nominal referencial **o mesmo caso de Capitu** estabelecendo, por *retomada*, a relação entre o referente – ilusão da minha vaidade – e a situação real de suas conclusões. Ou seja, não seria ilusão também o que concluíra do olhar da esposa em relação a Escobar? A resposta que ele dá ao leitor é a de que a sua antiga paixão por Capitu é que continuava, como em outras situações, a ofuscar-lhe a realidade.

Começava o ano de 1872. A vida corria doce e plácida, a banca de advogado rendendo bem. Um dia, Capitu chamou a atenção de Bento para a expressão esquisita dos olhos de Ezequiel, parecida com a de um amigo de Pádua e com a de Escobar. Com o passar do tempo, no entanto, nem só os olhos, mas restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira do menino virou o retrato de Escobar - uma carta que Bento demorou a ler, mas terminou por minar-lhe a alma e o casamento. Convencido da traição da mulher, ele passou a maltratá-la.

(45)Releva-me estas metáforas; cheiram ao mar e à maré que deram morte **ao meu amigo e comborço** Escobar. (p. 288)

(46)A mesma situação nova agravou a minha paixão. Ezequiel vivia agora mais fora da minha vista; mas a volta dele, ao fim das semanas, ou pelo descostume em que eu ficava, ou porque o tempo fosse andando e completando a semelhança, era **a volta de Escobar** mais vivo e ruidoso. [...] (p.289)

(47)Fui à casa de minha mãe, com o fim de despedir-me, a título de visita. Ou de verdade ou por ilusão, tudo ali me pareceu melhor nesse dia, minha mãe menos triste, tio Cosme esquecido do coração, prima Justina da língua. Passei uma hora em paz. Cheguei a abrir mão **do projeto**. Que era preciso para viver? Nunca mais deixar aquela casa, ou prender aquela hora a mim mesmo... (p.291)

No primeiro trecho, por meio de um movimento *catafórico*, o narrador insere e *rotula* o referente Escobar de uma maneira bem diferente da qual se utiliza ao longo da narrativa. Além de amigo, Bento refere-se a ele como **comborço**, escolha lexical que aponta para a certeza, agora, de que ele era amante de Capitu.

No segundo trecho, Bento faz referência à semelhança que enxerga entre Ezequiel e Escobar. Por meio de uma *anáfora por nomeação*, acredita que o garoto seja o retorno do amigo. Para estabelecer isso, ele se vale da expressão nominal referencial **a volta de Escobar**. É nítido, nesta passagem, que a escolha da expressão determina a imagem que o leitor fará da criança, haja vista que a visão unilateral do narrador induz a isso.

No terceiro trecho, o narrador usa a estratégia referencial da *anáfora indireta*, acompanhada de *rotulação retrospectiva*, com a utilização da expressão referencial **o projeto**. O nome-núcleo escolhido (**projeto**) faz com que o leitor ative sua memória discursiva e recupere o episódio em que Bento pensa em suicídio. Esse

projeto seria, então, ceifar a própria vida, envenenando-se. No trecho, ele pensa em desistir de tal empreitada, no momento em que se encontra no calor de seu lar. Aqui, a escolha do nome-núcleo apresenta ao leitor a ideia de que o suicídio de Bento foi algo arquitetado, um projeto a ser executado no momento oportuno.

No capítulo “A fotografia” (2006, p.300), Bento induz o leitor a pensar que Ezequiel realmente era filho de Escobar, pela maneira como apresenta as afirmações. Para isso, há uma colaboração bastante grande das expressões nominais referenciais que foram escolhidas.

(48)Palavra que estive a pique de crer que era vítima de uma grande ilusão, **uma fantasmagoria de alucinado**; mas a entrada repentina de Ezequiel, gritando: — “Mamãe! Mamãe! É hora da missa!” restituiu-me à consciência da realidade. Capitu e eu, involuntariamente, olhamos para a fotografia de Escobar, e depois um para o outro. Desta vez **a confusão dela** fez-se confissão pura. Este era aquele; havia por força alguma fotografia de Escobar pequeno que seria o nosso pequeno Ezequiel. De boca, porém, não confessou nada; repetiu as últimas palavras, puxou do filho e saíram para a missa. (p.300)

Da mesma maneira que ocorre em outros episódios da história, Bento acredita ser vítima de ilusão novamente. Para aludir a essa ideia, vale-se de uma *rotulação retrospectiva* que se dá pela expressão nominal referencial **uma fantasmagoria de alucinado**. O que se pode notar na composição desta expressão é que tanto o nome-núcleo, **fantasmagoria**, quanto o nome que compõe o modificador, **alucinado**, fazem parte de um mesmo campo semântico ligado a um universo perturbador. A intenção de Bento com isso é levar o leitor a acreditar que, mais uma vez, ele poderia ter sido acometido por uma perturbação sentimental.

Ainda nesse mesmo trecho, por meio de uma *rotulação retrospectiva*, Bento utiliza-se da expressão nominal referencial **a confusão dela** formada por um nome-núcleo axiológico, **confusão**. A intenção dele ao utilizá-la para referir-se à expressão de Capitu ao olhar a fotografia de Escobar foi levar o leitor a traduzi-la também como uma confissão, já que se Capitu tivesse certeza de que o menino era filho de Bento, não teria esboçado nenhum tipo de reação ao olhar a foto.

Enfim, a parte que compreende o período da vida de Bento desde seu casamento com Capitu até sua separação definitiva dela é vasta, cheia de episódios a serem comentados e analisados sob o viés da linguística textual ou não. Neste estudo, a intenção foi recolher alguns exemplos dessa fase e das outras duas em que a escolha das expressões nominais referenciais contribuísse para a orientação discursiva de Bento Santiago.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, analisou-se, sobretudo, a referenciação na produção do texto escrito cujo foco esteve sobre as expressões nominais referenciais — especificamente, no discurso de Bento Santiago, personagem de Machado de Assis, no livro *Dom Casmurro*. Por esse motivo, os estudos sobre referenciação, conforme postulados de Mondada & Dubois (1995, 2003), constituíram a base teórica deste trabalho.

A concepção de texto como lugar de interação e/ou ação entre sujeitos da atividade verbal constituiu o ponto de partida para as investigações sobre as expressões nominais referenciais no discurso de Bento Santiago. Nessa perspectiva, o texto transcende sua materialidade linguística e seu caráter linear. Ele deixa de ser concebido como um produto sintático-semântico fechado em si mesmo e passa a ser visto como processo de ação social de sujeitos ativos, que agem com e sobre seus interlocutores coparticipantes da interação verbal. Dessa maneira, o texto escrito é tratado sob seu aspecto interacional e é nessa concepção de texto que a referenciação encontra espaço fértil.

Convém ressaltar ainda o caráter pragmático da abordagem do texto. Sob esse viés, não só o cotexto, mas também o contexto discursivo, os participantes da ação verbal, os atos de fala, os aspectos inferenciais, cognitivos, a situação comunicativa, entre outros, de algum modo, contribuem para explicar, em parte, o processamento textual. Assim, o texto deve ser tratado sob o ponto de vista de seu funcionamento entre fatores internos e externos.

Além disso, diante das muitas possibilidades de abordagem do texto escrito, este trabalho analisou a constituição e as funções realizadas por expressões nominais referenciais no discurso de Bento Santiago. Em se tratando dos trechos recortados da obra analisada, essas expressões referenciais funcionaram como importantes elementos linguísticos que contribuíram com a produção textual, uma vez que desempenharam funções referenciais de encapsulamento, rotulação,

orientação argumentativa, atuando na articulação dos segmentos discursivos do texto.

Sobre a configuração estrutural das expressões nominais referenciais, concluiu-se que ela pode formalizar-se de diferentes maneiras, de acordo com os propósitos e as estratégias discursivas do produtor do texto. Em outras palavras, o escritor orienta o leitor a determinadas conclusões do texto, tendo em vista as escolhas lexicais dos componentes linguísticos das expressões referenciais. Assim, explicam-se a seleção dos nomes-núcleo, dos modificadores, dos determinantes e a função de orientação argumentativa desempenhada pelas expressões referenciais utilizadas pelo narrador de *Dom Casmurro*.

Postula-se, portanto, que as expressões nominais referenciais funcionam como ponto de articulação sintático-semântica e cognitiva entre porções textuais, isto é, atuam como elo coesivo e organizador da estrutura do texto, de modo a garantir a unidade e a progressão textuais.

Sendo assim, esta análise permite constatar que as expressões nominais referenciais utilizadas na narrativa de Bento Santiago contribuem de forma decisiva para a concretização de seu projeto de dizer, quando — de maneira bastante subjetiva — leva o leitor a compactuar com as imagens de personagens e situações por ele estabelecidas.

Acredita-se, então, ter-se atingido o objetivo proposto inicialmente e espera-se que este estudo venha a contribuir para o ensino de produção textual escrita, levando-se em conta a necessidade da utilização de textos famosos da Literatura Brasileira nas aulas de redação. Como este trabalho não pretendeu fazer uma análise exaustiva acerca do tema proposto, deixa-se para um próximo trabalho a investigação de que as expressões nominais referenciais podem realizar funções semelhantes e bastante importantes em outras obras machadianas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Lutar com as palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete, Biasi; CIULLA, Alena. (org). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.53 – 84.

-----; CHANET, Catherine. Definido e demonstrativo nas nomeações. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete, Biasi; CIULLA, Alena (org.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.131-176.

ASSIS, José Maria Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Saraiva, 2006

BEAUGRANDE, Robert-Alain; DRESSLER, Wolfgang . *Introduction to text linguistics*. 2º imp. Londres: Longman, 1981.

BEAUGRANDE, Robert-Alain. *New foundations for a science of txt and discourse: cognition, communication and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey. Ablex Publishing Corporation, 1997. Trad. Maria Inez Matoso Silveira. 24f. Mimeografado.

BENTES, Anna Christina. Linguística Textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Org.). *Introdução à linguística : domínios e fronteiras*, v. 1. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

CAMPS, Anna ET alii. *Propostas didáticas para aprender a escrever*. Trad. Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CARVALHO, Maria Angélica Freire de. *O funcionamento textual-discursivo dos rótulos em artigos de opinião*. Campinas, 2005. Tese (Doutorado em

Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Campinas

CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete, Biasi; CIULLA, Alena. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.177

COSERIU, Eugênio. *Princípios de semântica estrutural*. Madrid: Gredos, 1977.

COSTA VAL, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete, Biasi; CIULLA, Alena. (Org.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.177

----- . Repensando a textualidade. In: AZEVEDO, José Carlos de. (Org.). *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. 3 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

FAVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística Textual: Introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.

FAVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 9.ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

FIORIN, José Luiz. *Gêneros e tipos textuais*. In: HUGO, Mari; WALTY, Ivete; VERSIANI, Zélia. (Org.). *Ensaio sobre leitura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.

FRANCIS, Gil. Rotulação do discurso: Um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete, Biasi; CIULLA, Alena. (Org.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.191 -228

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A coesão textual*. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 1992

----- . *O texto e a construção dos sentidos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

----- . *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

----- . *Argumentação e linguagem*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

----- . *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de. (org.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 244-261.

\_\_\_\_\_. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Cristina. (Org). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p.33-52

----- . *A inter-ação pela linguagem*. 10. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

----- . ELIAS, Vanda Maria. *Ler e Compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

-----; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007

-----; PENNA, Mária Angélica Oliveira. Construção/ reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual. In: Cadernos de estudos lingüísticos. *O tópico discursivo*, 48: 7-22. Campinas, 2006.

LIBERATO, Yara; FULGÊNCIO, Lúcia. *É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro*. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição e Produção textual: processos de referenciação*. In: II Congresso Nacional da ABRALIN, 1999, Florianópolis. [s.n], p.16

\_\_\_\_\_. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Produção de sentido: estudos transdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educs, 2003, p.239-261.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete, Biasi; CIULLA, ALena. (Org). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.17-52.

MORATO, Edwiges Maria. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. IN: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (Org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p.243-263

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Discurso e interação*. 6ed. São Paulo: contexto, 2004.



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)